



Pedido de inventariação
Romeiros de São Miguel
Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial

Anexo I

I. IDENTIFICAÇÃO	2
II. DOCUMENTAÇÃO	42
III. DIREITOS ASSOCIADOS	60
IV. PATRIMONIO ASSOCIADO	61

FICHA DE INVENTÁRIO

I. IDENTIFICAÇÃO

1. Domínio

Práticas sociais, rituais e eventos festivos.

2. Categoria

Festividades cíclicas

3. Denominação

Romeiros de São Miguel

4. Outras denominações

Romarias Quaresmais

Romaria

Visita às casinhas de Nossa senhora

5. Contexto tipológico

Romeiros de São Miguel é uma manifestação religiosa de piedade popular específica na ilha de São Miguel e realizada exclusivamente pelo sexo masculino durante o período quaresmal.

6. Contexto de produção

6.1. Contexto social

6.1.1. Comunidade(s)

Habitantes da ilha de São Miguel.

Esta manifestação religiosa é praticada por grupos de romeiros que existem em quase todas as paróquias/freguesias da Ilha de São Miguel. Estes grupos são constituídos tradicionalmente por elementos do género masculino: adultos, jovens e crianças, católicos, naturais e/ou residentes na paróquia/freguesia. No entanto, podem integrar ao grupo elementos naturais e/ou residentes noutros lugares.

6.1.2. Grupo(s)

Ranchos de Romeiros.

6.1.3. Indivíduo(s)

Micaelenses na sua maioria.

6.2. Contexto territorial

6.2.1. Local

Ilha de São Miguel

6.2.2. Freguesia

Existem no total 54 freguesias (2023) com ranchos de romeiros na ilha de São Miguel, aos quais juntam-se dois ranchos vindos de duas freguesias da Diáspora.

Freguesias da ilha de São Miguel com saída de ranchos de romeiros:

Vila Franca do Campo, Água D'Alto, Água de Pau, Remédios da Lagoa, Santa Cruz, Cabouco, Rosário, Livramento, São Roque, Fajã de Cima, Fajã de Baixo, São Pedro-Ponta Delgada, São Sebastião, São José, Santa Clara, Milagres-Arrifes, Saúde-Arrifes, Covoada, Relva, Feteiras, Candelária, Várzea, Sete Cidades, Pilar-Bretanha, Ajuda-Bretanha, Remédios-Bretanha, Santa Bárbara-Ponta Delgada, Santo António, Capelas, Fenais da Luz, Calhetas, Pico da Pedra, Rabo de Peixe, Santa Bárbara-Ribeira Grande, Ribeira Seca, Conceição, Matriz-Ribeira Grande, Ribeirinha, Porto Formoso, São Brás, Maia, Lombinha da Maia, Fenais da Ajuda, Achada, Feteira Pequena-Santana, Algarvia, São Pedro Nordestinho, Lomba da Fazenda, Vila do Nordeste/Pedreira, Lomba do Loução, Vila da Povoação, Ribeira Quente/Furnas, Ponta Garça, Ribeira das Tainhas.

Freguesias de Toronto com ranchos de romeiros que se integram nas romarias de São Miguel: Santa Maria e São Mateus de Toronto, Canadá (2 ranchos da Diáspora)

6.2.3. Município

Ribeira Grande, Vila Franca do Campo, Povoação, Nordeste, Lagoa, Ponta Delgada.

6.2.4. Distrito

Ponta delgada

6.2.5. País

Portugal

6.2.6. NUTS II

Portugal \ Região Autónoma dos Açores

6.3. Contexto temporal

6.3.1. Periodicidade

As romarias são realizadas anualmente durante o período quaresmal (7 semanas).

6.3.2. Data(s)

A partir do fim-de-semana seguinte à quarta-feira de Cinzas até à quinta-feira santa.

7. Caracterização

7.1. Caracterização síntese

Romeiros de São Miguel é uma manifestação religiosa específica na ilha de São Miguel, do arquipélago dos Açores, que se caracteriza e se singulariza das demais romarias, pelo facto de se tratar de uma romaria realizada exclusivamente pelo sexo masculino e pelos elementos e componentes de estrutura e organização interna.

A romaria é realizada durante a época quaresmal, onde ranchos de romeiros percorrem a ilha a pé, em penitência e oração, durante oito dias.

Pode-se dividir esta prática em 3 tempos principais: o momento da preparação à romaria, a romaria propriamente dita e por último o momento do fecho e do pós-romaria.

7.2. Caracterização desenvolvida

A prática *Romeiros de São Miguel*, que outrora se designava por *Visita às casinhas de Nossa Senhora*, constitui um fenómeno etnográfico singular, não só pela originalidade de certos elementos que lhe são inerentes, mas também pela persistência dessa manifestação ao longo dos séculos.

Define-se *Romeiros de São Miguel*, os grupos ou ranchos de penitentes que, durante uma das semanas da Quaresma, percorrem a pé a ilha de São Miguel e visitam todas as igrejas

e ermidas onde haja exposta a imagem da Virgem Maria (cerca de 110 templos). Os ranchos de romeiros constituem-se por freguesia e possuem uma dimensão variável, podendo ir de cerca 20 até aos 150 romeiros.

Preparação da romaria

A preparação e organização de cada rancho de romeiros é feita na paróquia da freguesia através de várias reuniões. São exigidas no mínimo 20 horas de preparação prática e doutrinal. A admissão e inscrição dos novos romeiros no rancho, a criação de um espírito de amizade, de solidariedade, de fraternidade (são todos “irmãos”, forma de tratamento com que se dirigem uns aos outros) assim como a exercitação do canto da Ave Maria, das «Salvas», das orações nas igrejas e ermidas, ou ainda a indumentária dos romeiros e o comportamento durante a romaria são temáticas abordadas durante esses momentos de preparação (Cf. Anexo II/2 – Documentação fílmica / videográfica, nº06 : Reuniões de preparação para a Romaria).

Motivação

O cumprimento de uma promessa, o agradecimento por uma graça recebida, a penitência, a curiosidade, o desafio, o desejo de transcendência são as motivações principais que levam os romeiros a participarem nesta manifestação de fé.

A indumentária

O xaile, o lenço, o bordão, a saca ou cevadeira e o terço do Romeiro são as insígnias principais que constituem a identidade do Romeiro de São Miguel.

O romeiro reveste-se com o seu xaile aberto sobre os ombros para o proteger do frio, um lenço à volta do pescoço para lhe cobrir a cabeça nos momentos de vento e chuva, uma saca ou “cevadeira” às costas que serve para transportar alguma roupa e comida para a viagem, um bordão para se apoiar nos caminhos e atalhos difíceis, dois ou mais terços para a oração durante toda a romaria.

Para além da indumentária, há que destacar a campinha, elemento fundamental na romaria. Transportada sempre pelo mestre, é a campinha que faz parar e andar o rancho durante a caminhada e serve de aviso de preparação durante as refeições ou descansos.

Antigamente a campainha servia também de despertador em que um irmão romeiro corria a localidade onde pernoitava o rancho e tocava pelas ruas a fim de os acordar.

A hierarquia do rancho

O rancho é composto por 6 figuras principais : o Mestre, o Contramestre, o Lembrador das almas, o Procurador das Almas, os Guias e o Cruzado.

Quando em marcha, o rancho, adota uma formação convencional constituída por duas alas compostas pelos romeiros, estando à frente de cada uma os dois Guias. A ala do meio integra o Cruzado, o Lembrador das almas, o Contramestre, o Mestre e no fim do rancho o Procurador das almas. A este propósito, o irmão romeiro Carlos Vieira ilustra perfeitamente as diferentes formaturas que o rancho adota (formatura normal em andamento, formatura na madrugada, durante o trânsito, nas igrejas e durante as rezas) no seu livro “Romeiros de São Miguel Arcanjo, 500 anos de história” (pp. 92-94. Cf. Anexo II/6 - Outra Documentação, nº1 : Formaturas do rancho de romeiros na romaria). Os bordões são transportados horizontalmente do lado de dentro da ala, contrariamente aos terços segurados na mão do lado de fora da ala. Cada romeiro tem o seu lugar fixo na ala, atribuído pelo mestre, que deverá manter-se inalterável até ao fim da romaria.

O Mestre, e como o próprio nome indica, é a pessoa mais importante do rancho. Considerado como o condutor dos seus homens, é uma pessoa acessível a todos mas as suas ordens são inquestionáveis. Compete-lhe decidir e orientar o seu rancho de romeiros. Para além disso, ele é um dos principais oradores do rancho, pelo que deve ter um conhecimento minucioso das orações e cânticos inerentes à romaria, assim como de alguns textos religiosos.

O Contramestre tem a função de coadjuvar o Mestre, quer na condução do rancho como na da oração e se necessário poderá substituí-lo.

O Procurador das almas faz a recolha e a contagem dos pedidos de oração (geralmente Ave Maria, Pai-nosso) que são enunciados pelos habitantes ou pessoas que lhe são exteriores.

O Lembrador das almas anuncia e pede as orações especiais e intenções particulares. Deverá fazê-lo num momento muito preciso, interrompendo o canto da Ave Maria, em voz alta, com uma *Salva* (“Seja bendita e louvada a Sagrada Vida, Paixão, Morte e Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo”), ao que todos respondem: “Seja para sempre louvado com Sua e Nossa Mãe, Maria Santíssima”, seguindo-se o pedido.

Os Guias conduzem o rancho, pois são eles os melhores conhecedores do itinerário tradicional. Eles servem também para cadenciar e regular a marcha, permitindo que todos os romeiros caminhem em conjunto. Para além disso, os Guias e o Lembrador das Almas têm a responsabilidade de zelar pelas crianças do rancho que se encontram geralmente no início das duas alas.

O Cruzado, geralmente uma criança, transporta o crucifixo.

Para além destas figuras, existem também dois ou mais ajudantes que acorrem às necessidades dos romeiros durante a caminhada (alimentos, água, produtos farmacêuticos, entre outros).

Apesar desta estrutura hierárquica, o facto de se tratarem exclusivamente por “Irmão” cria uma unidade social forte no rancho e apaga traços caracterizadores da vida social corrente, como conflitos, diferenciação social, individualismo.

O desenrolar da romaria

A romaria inicia-se a um sábado e termina no sábado seguinte ou começa no domingo e termina no domingo seguinte (Cf. Anexo II/6 - Outra Documentação, nº2 : Mapa das pernoitas dos ranchos da ilha). No dia da saída do rancho, antes do alvorecer (por volta das 5 horas da manhã), os romeiros, acompanhados pelos seus familiares, dirigem-se à igreja principal da freguesia onde é celebrada a “missa da despedida”. A voz do Mestre e do Contramestre finda a celebração com o cântico do “Adeus”, momento de muita emoção em que as famílias se despedem dos romeiros, desejando-lhes muita coragem e uma boa viagem. Geralmente, os familiares dos romeiros acompanham o rancho até aos limites da freguesia.

De seguida, os romeiros saem da igreja e iniciam a sua viagem cantando a tradicional “Ave Maria dos romeiros”. É a Ave Maria dos romeiros que anuncia a chegada do rancho a cada freguesia, toda a gente a conhece, sendo sobretudo cantada e entoada durante a romaria, tornando-se assim o distintivo musical, a oração por excelência desta prática.

Durante toda a romaria, os adornos do romeiro, a forma de tratamento mútuo - *irmão* – e o abraço como modo habitual de saudação no interior do rancho apagam os traços caracterizadores da vida social corrente e a diferenciação social. A harmonia vivida no grupo, assim como o espírito de fraternidade, de igualdade e de humildade são características que marcam o Romeiro.

É neste espírito de união e fraternidade que os romeiros percorrem as estradas, caminhos e veredas da ilha durante oito dias (Cf. Anexo II/2 – Documentação fílmica / videográfica, nº01 : A Romaria pelos descampados da Ilha).

Ao longo da romaria, o rancho percorre cerca de 280 a 300 quilómetros, com etapas diárias de aproximadamente 35 a 40 quilómetros. Para cada dia, está previsto um certo número de paragens feitas essencialmente em descampados e sítios retirados para as refeições e pausas de descanso. As refeições baseiam-se em alimentos que cada romeiro traz na sua cevadeira e são complementados com alimentos adquiridos durante o percurso em padarias e mercearias (Cf. Anexo II/2 – Documentação fílmica / videográfica, nº02 : As refeições na Romaria). É de salientar que atualmente muitas das refeições são oferecidas por organizações locais, famílias, outros ranchos de romeiros, devotos que por caridade ou promessa o fazem gratuitamente, havendo deste modo uma grande envolvência e solidariedade da comunidade para com os romeiros. (Cf. Anexo II/2 – Documentação fílmica / videográfica, nº3 : Lanche oferecido na Ermida do Anjo da Guarda, Capelas e nº 05 : Pequeno-almoço dos Romeiros).

O percurso é sempre feito no sentido dos ponteiros do relógio, ou seja, tendo sempre o mar à sua esquerda (Cf. Anexo II/4 – Documentação cartográfica, nº1 : Percurso da romaria do rancho de Romeiros de Água de Pau).

O número de ermidas e igrejas visitadas depende sobretudo do tempo, do ritmo da marcha e do número de romeiros no rancho. Todos os momentos de marcha e de pausas são contados. Um imprevisto por razões diversas, tais como a intensidade do vento ou da chuva tornam a caminhada mais penosa e difícil. A paragem, por uma ferida que deve ser tratada implica por vezes algum atraso o que pode impedir a visita física a uma ermida ou igreja que deviam visitar. Neste contexto, e na impossibilidade de visitá-la, o rancho vai saudá-la de longe. Por essas razões, o número de visitas pode aumentar ou diminuir de um ano para o outro. Estas visitas, quanto à sua duração, podem durar entre 15 a 45 minutos e depende sobretudo se a igreja ou ermida se encontra aberta ou fechada, se há eucaristia ou não.

Assim, cada rancho tem o seu próprio ritmo de caminhar, o seu próprio itinerário com paragens transversais a todos os ranchos que devem obrigatoriamente dar a volta à ilha, mas com derivações próprias de cada rancho. O seu percurso é feito no sentido dos ponteiros do relógio, com o mar sempre pela esquerda, isto de forma a cumprir a tradição dos ranchos.

Esta forma de percorrer a ilha permite também por um lado impedir encontros com outros ranchos, e por outro lado, evitar com que dois ou mais ranchos pernoitam na mesma freguesia.

No entanto, e por razões diversas (atraso, mau tempo, ...) o encontro entre dois ranchos poderá ocorrer e implicará um ritual de passagem: o mestre do rancho 1 pede autorização ao mestre do rancho 2 para “abrir o rancho”, isto é, as alas compostas pelos romeiros afastam-se, deixando o centro livre para a passagem do rancho 1. Cada romeiro saúda o rancho e deseja-lhe boa viagem.

O horário do romeiro, que faz lembrar o do camponês de outrora, começa por volta das 4 horas da manhã. Entre as 9 e as 10 horas, o rancho pára para almoçar e entre as 13 e as 14 horas jantam. A caminhada continua até às 19 horas ou 20 horas, momento em que o rancho chega à freguesia onde vai pernoitar e cear com a família que os acolhe.

As diversas paragens durante a caminhada, assim como as igrejas e ermidas a visitar ou ainda as estradas e os caminhos percorridos pelo rancho foram minuciosamente previstos durante as reuniões de preparação da romaria e geralmente mantêm-se, de ano para ano.

É de salientar que desde há alguns anos atrás, o Governo dos Açores, através da Secretaria Regional dos Transportes e Obras Públicas, assim como a rádio, os jornais da ilha, a RTP Açores, a Polícia de Segurança Pública da ilha e o próprio Movimento de Romeiros de São Miguel apresentam uma campanha de prevenção rodoviária que visa alertar e sensibilizar os automobilistas para os cuidados a ter nas estradas da Região, durante o período das Romarias Quaresmais. A campanha contempla a entrega de fitas refletoras usadas pelos vários ranchos de forma a alertar a presença dos romeiros nas estradas. Para além disso, a ANA (Aeroporto João Paulo II em Ponta Delgada) colabora com o Movimento de Romeiros de São Miguel através de uma exposição relativa a esta prática e na chamada de atenção aos turistas para cuidados redobrados a manter na circulação das estradas regionais durante esta época de caminhadas. O MRSM criou igualmente panfletos de alertas de segurança que são distribuídos em rent-a-cars e em hotéis de Ponta Delgada (Cf. Anexo II/6 - Outra Documentação, nº3 : Panfleto de alerta de segurança).

O dia da família

O chamado “dia da família” ou “dia da visita”- que consiste num breve encontro do rancho com as famílias dos romeiros para uma refeição em conjunto - realiza-se essencialmente a meio da semana. O lugar e a hora deste encontro previamente estipulados mantêm-se ao longo dos anos. Este encontro tem por objetivo principal, o reabastecimento de alimentos e de vestuário do grupo para o resto da semana. Em regra geral, as famílias esperam os romeiros no adro da igreja da freguesia, havendo assim a celebração da missa e seguindo-se a refeição convivial. Trata-se de um momento muito esperado pelos romeiros e pelas famílias, atenuando e diminuindo, deste modo, a separação e o afastamento em relação à família e à vida exterior.

Pernoita

Ao fim do dia (por volta das 19 horas), os romeiros beneficiam da hospitalidade dos moradores da freguesia onde vão pernoitar. As freguesias de pernoita são tradicionalmente definidas e variam de rancho para rancho. O *mestre* contacta previamente os *mestres* das diferentes freguesias ou os padres locais, informando a data da *pernoita* e o número de romeiros que o *rancho* integra. O ponto de *arrumação* é geralmente no interior da igreja da freguesia. Avisados pelos canto da tradicional Ave Maria dos romeiros e pelos sinos da igreja, as pessoas que se oferecem para alojar romeiros, dirigem-se para o adro da igreja. A operação é geralmente orientada pelo *mestre*. As pessoas comunicam-lhe o número de romeiros — geralmente dois — que podem alojar e o *mestre* vai indicando os romeiros que ficam nas diferentes casas. (Cf. Anexo II/2 – Documentação fílmica / videográfica, nº07 : Chegada do rancho das Furnas à freguesia de S. Vicente Ferreira).

O decurso da pernoita é regido por um certo número de regras. O romeiro deve ter uma atitude de reserva e discrição em casa de quem o acolhe. Ao entrar na casa da família que o acolhe, ele começa por saudá-la através da fórmula “ Seja bendita e louvada a Sagrada Vida, Paixão, Morte e Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo”, ao que todos respondem: “Seja para sempre louvado com Sua e Nossa Mãe, Maria Santíssima”. De seguida, ele deixa o seu bordão atrás da porta de entrada para de manhã retomá-lo. A família mostra-lhe o quarto onde vai dormir, propõe-lhe, se possível, duche ou lavamento dos pés para de seguida tomar a refeição da noite. É de salientar que faz parte integrante dos usos e costumes desta prática

a proibição de fazer a barba durante toda a romaria. Para cear, o romeiro tira a sua cevadeira e o seu xaile, deixando sempre consigo o terço e o lenço ao pescoço. O jantar é precedido pelas orações principais, tais como o Pai-nosso e a Ave Maria e só depois é iniciado o diálogo à mesa. Antes do romeiro se deitar, ele deixa um terço à família, terço este já rezado pelo romeiro como símbolo de agradecimento da hospitalidade oferecida. É de salientar que este terço, designado por vários ranchos de “terço da noite”, é rezado por todos os romeiros em conjunto e em voz alta com o intuito de oferecê-lo à família pelo acolhimento. Por volta das 4 horas da manhã o romeiro retoma os seus afazeres e o terço-símbolo que deixara à família e dirige-se ao adro da igreja onde saúda o mestre e os demais irmãos para continuarem a romaria.

O cancionero dos Romeiros : cânticos e orações

A visita às “casinhas de Nossa Senhora” implicava um cântico ou uma oração em cada uma das ermidas visitadas como forma de exaltar a presença e a penitência dos romeiros. Neste contexto, o mestre era e ainda é a figura central, o porta-voz do grupo, um cantador/orador que, pelo ato da palavra cantada, com a intenção de agradar ou agradecer a Deus, visa a obtenção de um favor ou de uma recompensa, no fundo, de uma Graça divina. A autenticidade destes cânticos encontrava-se, sobretudo, na capacidade de improvisação e também como diz o antigo Mestre Adriano Couto, no dom de “versar”, de cantar. Para além do mestre, outro romeiro pode versejar ou cantar, se tiver este dom. Como se repetia anualmente a visita às várias ermidas e igrejas, os cânticos alusivos às mesmas, improvisados ou não, eram, igualmente, repetidos, e deste modo, memorizados e transmitidos. Com a presença de uma comunidade que compartilha o mesmo saber transmitido pelo cantador, o ato da palavra cantada atinge a sua performance. É por esta razão que, na visita a uma ermida ou igreja onde haja um público que vem para ouvir as orações e os cânticos do rancho, o orador/cantador canta não só para agradecer a Deus ou à Virgem, mas também para agradar aos ouvintes. Quando o mestre ou o orador acaba de cantar, muitas das pessoas que testemunharam esse momento dizem: “Que linda canção” ou “Ele canta tão bem” ou ainda “Gostei muito de ouvi-lo cantar”. Não é apenas o tema ou o conteúdo do cântico que conta então, mas também a voz e o ritmo do cantador, os seus gestos e expressões faciais.

Das orações mais tradicionais há a destacar a chamada “Ave Maria dos Romeiros” cantada, que foi transmitida oralmente de geração em geração. Ela é considerada enquanto Hino dos Romeiros, pois trata-se de uma melodia que se repete durante todo o tempo da caminhada por todos os ranchos da ilha durante a Quaresma. Durante a caminhada, o rancho encontra-se organizado em duas filas paralelas. Como explica Ana Carvalho “ a metade da frente do grupo é designada por Ave Maria, a outra metade é designada por Santa Maria. São assim chamadas pela parte da melodia que estão encarregues de entoar na caminhada. Assim sendo, é um cântico antifonal. A primeira metade do grupo entoa: “Ave Maria cheia de graça, O Senhor é convosco, bendita sois Vós, entre as mulheres, bendito o fruto do vosso ventre, Jesus”. A segunda metade do grupo responde: “Santa Maria Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amen Jesus.” O resultado musical é uma melodia partilhada entre o grupo que os mantém unidos e concentrados durante toda a caminhada.” (pp. 49-50) No entanto, quando “a metade do rancho designada de Ave Maria canta, a Santa Maria encontra-se a rezar a oração da Avé - Maria e o contrário também vai acontecer.” (2012, 50) Ana Carvalho ao fazer uma análise melódica, intervalar e rítmica da Ave Maria dos Romeiros, refere que esta se aproxima de uma melodia medieval, de canto gregoriano e por isso monofónica, cantada sem qualquer acompanhamento. Segundo a mesma autora, a melodia “está construída, na sua maioria, em graus conjuntos, intervalos de segunda e terceira, sequências intervalares também características do mesmo tipo de canto medieval.” (p. 64) Sabendo-se que as romarias tiveram como designação remota a visita às Casas de Nossa Senhora, é certamente por esta razão que este cântico de Ave Maria tornou-se o hino por excelência deste ritual intimamente ligado ao culto Mariano. Trata-se no fundo de uma oração simples, mas que assume uma grande complexidade nestas romarias a partir da sua musicalidade condicionada, de diversas formas, pelo seu contexto. O trabalho de Ana Carvalho exemplifica este fenómeno. Ela mostra que “o público que assiste a uma caminhada influencia a forma como a Ave Maria é entoada, bem como as condições rigorosas de percurso que os romeiros atravessam aquando da sua peregrinação e, por último, que até as condições meteorológicas são um fator a ter em conta quando se observa a performance da Avé - Maria.” (p. 76) O canto da Ave Maria influi o ritmo da caminhada, pois há ranchos que cantam de forma mais rápida e por consequência caminham com o passo mais acelerado enquanto que outros cantam de forma mais pausada implicando um andamento mais lento. Este canto

também comporta tonalidades que divergem de rancho para rancho, isto porque e como salienta Ana Carvalho “ a música da caminhada, a Ave Maria dos romeiros é caracterizada pela forte influência das palavras sobre o texto, visto que a melodia serve totalmente para ilustrar o texto da oração. As suas frases construídas através das respirações, a tonalidade entre diferentes ranchos marcada pelos diferentes timbres de vozes e sotaques dos homens que constituem os diferentes ranchos, a repetição condicionada pelos diferentes percursos percorridos durante oito dias de caminhada; conferem características muito particulares a esta oração cantada da Avé – Maria dos Romeiros”. (p.78) Carlos Vieira, na sua obra “*Romeiros de São Miguel Arcanjo - 500 Anos de História*” apresenta as partituras da Ave Maria cantada, salientando que esta sofrera algumas alterações ao longo dos séculos. (2022, 94-95. Cf. Anexo II/6 - Outra Documentação, nº05 : Partitura da “Ave Maria dos Romeiros”). Deste modo, ela tornou-se o distintivo musical da romaria e anúncio da chegada dos romeiros a cada localidade. É o ritmo lento deste canto, o seu carácter rigorosamente monocórdico e pungente, o peso atribuído a certas sílabas, o tom de voz austero e triste, que se perpetua como forma de tradição oral e memória coletiva.

Para além deste cântico tradicional, existe também a oração cantada em verso ou declamada ritmicamente em prosa, à chegada a uma ermida ou igreja (muitos dos cânticos tradicionais que fazem parte da *Colecção I – Orações e cânticos antigos* encontram-se sem indicação do seu autor). Esta oração é composta por vários momentos. Convém sublinhar que as ermidas visitadas pelos romeiros são apenas as de invocação a Nossa Senhora, aspeto tradicional das romarias de outrora. Quanto às igrejas, estas são visitadas na sua maioria, quer de invocação a um santo ou a uma santa. As orações diferenciam-se consoante a igreja é de invocação feminina ou masculina, se tem a porta aberta ou fechada. Existem orações dirigidas à Virgem Maria, a Cristo, ao Espírito Santo, como também a vários santos e santas. Para além disso, há igualmente os cânticos e orações feitos no momento da partida dos romeiros da sua paróquia, ou aquando da passagem do rancho por um cemitério. Há que destacar também o tradicional “cântico de chegada” entoado no exterior da igreja ou ermida, o “cântico de entrada” na igreja e o “cântico de saída” da igreja. (Cf. Anexo II/2 – Documentação fílmica / videográfica, nº08 : Chegada e saída do Rancho de Rabo de Peixe à igreja Matriz de Ponta Delgada).

Cânticos e orações junto às ermidas e igrejas

Os cânticos e orações junto às ermidas e igrejas apresentam um padrão complexo composto por vários momentos bem definidos e invariáveis de rancho para rancho.

O momento inicial decorre no adro da igreja ou à porta da ermida com o “cântico de chegada” com a saudação e pedido a Nossa Senhora para ouvir a oração declamada ou cantada pelo Orador e seguido por uma das orações tradicionais escolhidas pelo Orador (oração à Virgem, Salva à Cruz, ... Cf. Anexo II/2 – Documentação fílmica / videográfica, nº10 : Rancho da Maia. Orações na chegada à igreja da Achadinha). O “cântico de entrada” finda este momento inicial convidando o rancho a entrar na igreja. O segundo momento é realizado dentro da igreja ou ermida composto por várias sequências sucessivas de “Pai-nossos” e “Ave Marias”, que são as chamadas “petições” geralmente rezadas por intenções particulares e coletivas que o mestre vai explicitando. No fim das petições é entoado o tradicional cântico “Senhor Deus Misericórdia”. (Cf. Anexo II/6 - Outra Documentação, nº07 : Partitura de Misericórdia a Deus). O terceiro e último momento é marcado pela fórmula “Seja para sempre louvada a Sagrada Vida, Paixão, Morte e Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo/Seja para sempre louvada a sua e nossa Mãe Maria Santíssima” seguindo-se da secular “Ave Maria dos Romeiros” que assinala a saída do rancho da igreja ou ermida. Segue-se a título de exemplo o desenrolar de uma oração feita com a igreja ou ermida fechada, e uma oração feita com a igreja ou ermida aberta, assim como uma das inúmeras versões de um cântico de entrada e de saída da igreja :

1. Oração feita com a ermida ou a igreja fechada (Cf. Anexo II/2 – Documentação fílmica / videográfica, nº09 : Rancho da Pedreira do Nordeste : Orações na chegada à igreja do Pilar, Bretanha).

Orador: Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo

Romeiros: Assim como era no princípio, agora e sempre. Amén.

O: Senhora ouvi a nossa oração

R: Chegue até vós o meu clamor

O: Que os anjos vos louvam, milhares e milhares de vezes, Soberana e Clementíssima Senhora, Amén.

O + R: Deus vos salve Maria, Filha de Deus Pai

Deus vos salve Maria, Mãe de Deus Filho

Deus vos salve Maria, Esposa do Espírito Santo

Deus vos salve Maria, Templo Sacrário da Santíssima Trindade. Amén.

Sino em Cruz, eu pecador confesso a Deus ... (rezam o acto de confissão)

Orador:(momento das petições) Exemplo: por intenção de todas as pessoas desta paróquia, principalmente os mais necessitados. Pai-nosso e Ave Maria (todos rezam um Pai-nosso e uma Ave Maria)

No fim das petições: E ao Espírito Santo, para que nos livre de todos os perigos que não nos podemos livrar, especialmente de fome, fogo, peste, guerras, mortes repentinas, perdições de almas e de corpos, Salvé Rainha (todos rezam uma Salvé Rainha)

O: Senhor Deus (repetido 3 vezes)

R: Misericórdia (repetido 3 vezes)

O: Virgem Mãe de Deus e Mãe Nossa (repetido 3 vezes)

R: Alcançai o vosso amado filho, misericórdia (repetido 3 vezes)

O: Seja para sempre louvada a Sagrada Vida, Paixão, Morte e Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo

R: Seja para sempre louvado com sua e nossa Mãe Maria Santíssima

O: (cantando)

Sois a Virgem de Israel

Por isso naquele dia

O arcanjo São Gabriel

Te chamou Ave Maria (e o rancho parte cantando a tradicional Ave Maria dos Romeiros)

2. Oração feita com a ermida ou a igreja aberta (Cf. Anexo II/2 – Documentação fílmica / videográfica, nº12 : Quand les pélerins arrivent : Orações do rancho de Arrifes-Saúde na igreja de Ponta Garça).

Orador: Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo

Romeiros: Assim como era no princípio, agora e sempre. Amén.

O: Senhora ouvi a nossa oração

R: Chegue até vós o meu clamor

O: Que os anjos vos louvam, milhares e milhares de vezes, Soberana e Clementíssima Senhora, Amén.

O + R: Deus vos salve Maria, Filha de Deus Pai

Deus vos salve Maria, Mãe de Deus Filho

Deus vos salve Maria, Esposa do Espírito Santo

Deus vos salve Maria, Templo Sacrário da Santíssima Trindade. Amén.

O: Dai-nos licença Senhora, para que entremos em vossa santíssima morada, e para que vos cantemos e louvemos com temor e reverência pura e humildade. Amén.¹

Orador:(momento das petições) Exemplo: por intenção de todas as pessoas desta paróquia, principalmente os mais necessitados Pai-nosso e Ave Maria (todos rezam um Pai-nosso e uma Ave Maria)

No fim das petições: E ao Espírito Santo, para que nos livre de todos os perigos que não nos podemos livrar, especialmente de fome, fogo, peste, guerras, mortes repentinas, perdições de almas e de corpos, Salvé Rainha (todos rezam uma salvé rainha)

O: Senhor Deus (repetido 3 vezes)

R: Misericórdia (repetido 3 vezes)

O: Virgem Mãe de Deus e Mãe Nossa (repetido 3 vezes)

R: Alcançai o vosso amado filho, misericórdia (repetido 3 vezes)

O: Seja para sempre louvada a Sagrada Vida, Paixão, Morte e Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo

¹ As petições podem ser feitas em prosa ou em quadra. A oração feita em quadra designada por *cântico de entrada* será exemplificada posteriormente.

R: Seja para sempre louvado com sua e nossa Mãe Maria Santíssima

O: (cantando)²

Sois a Virgem de Israel

Por isso naquele dia

O arcanjo São Gabriel

Te chamou Ave Maria (e o rancho sai da igreja ou ermida cantando a tradicional Ave Maria dos Romeiros)

A partir desses exemplos, constatamos que, ao longo da oração existem vários momentos a respeitar. O primeiro corresponde ao pedido a Nossa Senhora para ouvir a oração declamada ou cantada pelo Orador; o segundo diz respeito ao reconhecimento dos pecados, pelo acto de confissão; o terceiro é designado como o das petições, por intenções particulares e coletivas; o quarto corresponde ao pedido de misericórdia e ao louvor a Jesus Cristo e, por último, temos o cântico em verso, que permite a transição para a tradicional Ave Maria cantada dos Romeiros.

A oração feita a uma ermida ou a uma igreja aberta torna-se, de uma maneira geral, muito mais completa e rica, porque introduz outros momentos como o pedido de licença para entrar e para sair, assim como um maior número de quadras cantadas pelo Orador. É o que se chama cântico de entrada e cântico de saída. Relativamente a estes cânticos existem versões realizadas e transmitidas por vários mestres. Apresentamos três exemplos extraídos de *Romarias Coleção I Orações e cânticos antigos*:

a. Cântico de entrada (autor desconhecido)

Oração a Nossa Senhora da Graça

I

Oh Virgem Imaculada
Virgem Mãe do redentor
Sede a nossa Advogada
Lá no trono do Senhor

II

Senhora ajudai que a faça
A minha santa oração
Nossa Senhora da Graça
Dai-nos a vossa bênção

III

Estamos em vossa presença
E vos queremos visitar
Senhora dai-nos licença

² Este segmento pode ser cantado assim ou então com várias quadras, entoadas pelo Orador e repetidas pelos Romeiros. Exemplificaremos o trecho feito em várias quadras e designado por *cântico de saída* nas páginas seguintes.

P'ra na Vossa casa entrar

IV

Entrai, entrai pecadores

Por esta porta sagrada

Vamos oferecer flores

À Virgem Imaculada

V

Ó Senhora as nossas flores

São tão poucas na verdade

Orações e algumas dores

E um pouquinho de amizade

VI

Eu vos peço uma bênção

Para esta freguesia

E p'ra todos que aqui estão

Nesta vossa companhia

b. Cântico de entrada (autor desconhecido)

Oração a São Sebastião

I

S. Sebastião dai-nos licença

Auxílio da Vossa Graça

Para que em Vossa presença

A nossa oração se faça

II

Oh meu S. Sebastião

Graças a Vós queremos dar

Vamos fazer a oração

P'ra vos poder venerar

III

Estamos em vossa presença

E vos queremos visitar

São Sebastião dai-nos licença

P'ra na vossa casa entrar

IV

Entrai, entrai pecadores

Por este portão sagrado

Vamos oferecer flores

A São Sebastião humanado

V

Abençoado S. Sebastião

Recebe os nossos corações

Recebe a nossa oração

E as nossas petições

VI

S. Sebastião abençoado

Tende de nós compaixão

Fostes um Bravo soldado

Que defendestes a Nação
VII
Pecadores ajoelhai
Aqui neste duro chão
E com fervor rezai
O Acto de Contrição

Estes cânticos tradicionais são compostos por estrofes de quatro versos de rima cruzada. As quadras são cantadas pelo Orador e repetidas pelos romeiros: o cântico do Orador e a repetição do mesmo pelos romeiros fazem-se em todos os dois versos, isto é, em cada dístico. No entanto, esta notação em quadra oculta uma forma de cantar diferente. Na verdade, eles cantam em versos longos, de 15 ou 16 sílabas, repetidos :

Orador : Oh Virgem Imaculada Virgem Mãe do redentor
Romeiros : Oh Virgem Imaculada Virgem Mãe do redentor
Orador : Sede a nossa Advogada Lá no trono do Senhor
Romeiros : Sede a nossa Advogada Lá no trono do Senhor
(e assim sucessivamente)

O primeiro cântico acima transcrito é dedicado a Nossa Senhora da Graça e o segundo, a São Sebastião. A exaltação de um aspeto relacionado com a santa ou o santo é, muitas vezes, realçado, como se pode observar na sexta quadra da oração dedicada a São Sebastião, onde o mesmo é qualificado como um bravo soldado que defendeu a nação. Num meio popular, pouco conhecedor de Hagiografia, esta “defesa da Nação” pode ser entendida como um “aportuguesamento” de São Sebastião, tornando-o “um dos nossos”. Isto, evidentemente, não está explícito na quadra, mas pode dar azo a interpretações deste tipo, tornando o Santo mais próximo, mais “nosso”.

Nestes cânticos, pede-se tradicionalmente para entrar e para rezar o acto de contrição. O primeiro pedido é cantado na terceira e quarta quadras, e o segundo, na sétima quadra. Estes momentos são como que encenados, isto é, quando o Orador canta *Entraí, entraí pecadores*, os romeiros poisam os seus bordões no chão ou na parede e entram na igreja. Os bordões no exterior do templo permite, deste modo, assinalar a presença de romeiros naquela igreja. Seguidamente, os romeiros ajoelham-se e rezam o acto de contrição, ao ouvirem o Orador cantar : *Pecadores ajoelhai / aqui neste duro chão / E com fervor rezai / O Acto de Contrição*. As restantes quadras (I, II, V, VI) são, normalmente, da autoria do Orador,

que muitas vezes as improvisa. Pode acontecer também que o mesmo as faça previamente ou então memorize as que lhe foram transmitidas por outros mestres.

A visita termina com o cântico de saída, como o exemplo seguinte ilustra:

c. Cântico de saída (autor desconhecido)

I

Já fizemos a oração
Senhora em vossa presença
Já nos queremos ir embora
Senhora dai-nos licença

II

Senhora dai-nos licença
Que nos queremos ir embora
Venha em nossa companhia
A vossa graça senhora

III

A vossa graça senhora
Vai nossa companhia
Para podermos louvar
Esse teu nome Maria

IV

Ave que vóia mais alto
Quero de noite quero de dia
Na boca dos pecadores
É vóz da Ave-maria

V

Santa Virgem de Israel
Bendito aquele dia
Que Anjo S. Gabriel
Te chamou Ave Maria

(Transcrição literal extraída de *Romarias. Coleção I Orações e cânticos antigos*)

Este cântico, também feito em quadra, e cantado em versos longos, permite assim anunciar a saída do rancho de uma ermida ou igreja. Tal como no cântico de entrada, existem dois momentos tradicionais que devem sempre ser respeitados. O primeiro encontra-se na primeira quadra, onde se pede licença para sair da igreja. Este momento permite aos romeiros prepararem-se para sair. O segundo encontra-se sempre na última quadra e serve para introduzir o canto da tradicional Ave Maria dos Romeiros, o que significa que o rancho se põe em marcha.

Estes são apenas alguns dos exemplos mais significativos das orações e cânticos tradicionais das romarias que foram sendo transmitidos até hoje. Outros, como por exemplo

o oferecimento a Deus ou à Virgem e que é feito em prosa pelo Orador antes do chamado “momento do reconhecimento dos pecados”, em que os romeiros rezam o acto de contrição, ou então a Salva à Cruz feita em prosa e declamada pelo Orador geralmente no fim do dia e na freguesia onde o rancho pernoita, fazem parte integrante das orações tradicionais desta prática.

É de salientar que o conteúdo dos cânticos e orações tradicionais reflete por um lado a orientação mariana que caracteriza essa prática e por outro lado expressa as características quaresmais do ritual com a evocação da Paixão e Morte de Cristo. Geralmente, o seu ritmo é lento, arrastado e o seu tom penitencial enfatizado por uma entoação melódica plangente e monocórdica. (Cf. Anexo II/2 – Documentação fílmica / videográfica, nº11 : Orações de chegada do Rancho da Algarvia à Igreja Matriz da cidade da Ribeira Grande).

A oralidade destes cânticos é muito importante na transmissão, ou mesmo na produção e repetição dos mesmos. Esta oralidade supõe uma toada tradicional e um texto oral que, por definição, é móvel e aberto à improvisação, logo a variantes textuais e poéticas, como se pode constatar no caso das romarias. Trata-se, por conseguinte, de romarias e não de uma só romaria. Não é unicamente a oração ou o cântico composto por vários momentos que se torna fundamental, mas também a voz, o ritmo e a entoação no declamar e no cantar destas orações tradicionais.

De entre as igrejas e ermidas que o rancho de romeiros visita diariamente, é escolhida uma onde os romeiros assistem à missa e comungam, pois todo o romeiro que participa na romaria deverá se encontrar sempre em “estado de graça”.

A oração durante a marcha

O percurso da romaria é feito inteiramente a rezar. A “Ave Maria dos Romeiros” é o cântico por excelência da romaria. Ela é cantada e entoada durante o percurso e sobretudo quando o rancho aproxima-se das igrejas e ermidas, como também no termo das sequências e orações nelas centradas e ainda sempre que os romeiros atravessam povoações ou lugares habitados. A primeira parte do rancho canta a *Ave Maria* enquanto que a segunda parte se encarrega de cantar a *Santa Maria*.

Para além da “Ave Maria dos Romeiros”, a recitação do terço faz parte integrante da oração na romaria e é feita quando o rancho caminha em descampados.

A recitação do terço pode ser coletiva e em voz alta ou individual e em silêncio. Os terços rezados individualmente e em silêncio são sobretudo de ordem mais pessoal e ligados às intenções individuais do romeiro. Eles podem também ser oferecidos a parentes e amigos, pelas suas intenções.

Quanto aos terços rezados em voz alta em coletivo, estes correspondem aos pedidos ao rancho por pessoas que lhe são exteriores. Nesses pedidos, as pessoas solicitam ao *rancho* que reze, por intenções que elas especificam, um determinado número de orações — geralmente um «Pai-nosso» e uma «Ave Maria». Ao solicitarem essas orações, essas pessoas comprometem-se em *troca* a rezar, em função do seu pedido, um número de orações idêntico ao número de romeiros do rancho mais três, correspondente às três pessoas da Sagrada Família de Nazaré (Jesus, Maria e José). Dos terços rezados diariamente, um deles é oferecido pelo romeiro à família que irá acolhê-lo. Em troca, a família poderá igualmente rezar um terço. Estas formas de “troca” da oração com a população permite associá-la ao espírito quaresmal de penitência e da oração que os romeiros vivenciam.

A oração é feita também no início e no termo das refeições. Nessas orações é sobretudo feito o agradecimento pela refeição tomada e pedida a protecção divina para a Romaria e para os romeiros. Se se tratar de uma refeição (pão, bebidas, ...) oferecida ao rancho, o mestre pede também algumas orações pela pessoa que fez essa oferta.

O regulamento das Romarias Quaresmais de São Miguel

Esta prática, tradicionalmente considerada como um movimento autónomo muito mais próximo da fé popular que das instâncias eclesíásticas, vê surgir em 1962 um regulamento escrito, aprovado e publicado pela Diocese de Angra. De facto, antes de 1962, nenhum documento impresso regulamentava as Romarias Quaresmais. O conjunto de regras referentes ao funcionamento das romarias e comportamento do romeiro era transmitido oralmente de geração em geração. É em 1956 que nasce a iniciativa de criar um documento escrito - *Regra do Romeiro – Como cantam e rezam os Romeiros na ilha de S. Miguel* - por um grupo de romeiros da freguesia dos Arrifes, com o apoio de alguns párocos. (Cf. Anexo II / 5 – Fontes escritas, nº01 : *Como cantam e rezam os Romeiros na ilha de S. Miguel*). Laurénio Fernandes, romeiro com a função de Procurador das Almas do rancho de Saúde-Arrifes foi o

principal instigador deste projeto. Esta Regra, redigida em 1956 por Laurénio, com um total de trinta e seis páginas, continha, normalmente, um livro de orações e cânticos das romarias que, infelizmente, encontra-se desaparecido. A Regra é composta por três partes principais: há uma nota de abertura, apresentando alguns traços históricos das romarias, seguindo-se de um conjunto de trinta e sete pontos ou artigos inerentes à realização da romaria, incluindo também algumas fotos do rancho de romeiros dos Arrifes. O capítulo final (XXXVII) - Dos motivos por que a mulher não poderá ser Romeiro – refere a exclusão da mulher nas romarias e indica os motivos desta proibição. A Regra termina com um apêndice contendo algumas particularidades relativas às romarias. Em 1958, a Regra é enviada à Diocese de Angra para aprovação e, após revisão de certos pontos, acaba por ser publicada em 1962 com o nome de *Regulamento dos Romeiros da Ilha de S. Miguel* no Boletim Eclesiástico dos Açores. (Cf. Anexo II / 5 – Fontes escritas, nº02 : *Regulamento dos Romeiros da Ilha de São Miguel*) Este documento que dita as normas e condições da romaria atualiza-se com o decorrer do tempo. Uma segunda versão é publicada em 1989 (Cf. Anexo II / 5 – Fontes escritas, nº03 : *Regulamento dos Romeiros da Ilha de São Miguel-Açores*), seguida de uma terceira em 2003 (Cf. Anexo II / 5 – Fontes escritas, nº04 : *Romeiros de São Miguel - Regulamento*) e a atual em 2017 (Cf. Anexo II / 5 – Fontes escritas, nº05 : *Regulamento das Romarias Quaresmais de S. Miguel*). A estrutura, organização e funcionamento da romaria encontra-se patente no atual regulamento que tem um total de 30 páginas e é composto por três capítulos principais e 46 artigos. O primeiro capítulo descreve todos os pontos inerentes ao funcionamento da romaria, entre os quais a natureza e fins da romaria, como também a criação, organização e responsáveis do rancho e ainda a nomeação, duração do mandato e atribuições dos responsáveis e colaboradores. Ainda neste capítulo, há uma secção destinada à atribuição dos romeiros e à preparação da romaria como também à caminhada propriamente dita e à pernoita. As duas últimas secções fazem referência ao pós-romaria e ao dia do romeiro. O segundo capítulo, muito mais breve do que o primeiro, dedica-se integralmente à estrutura do Grupo Paroquial dos Romeiros. O terceiro e último capítulo com apenas quatro artigos dispõe de factos diversos no que diz respeito às nomeações dos responsáveis do rancho e ao tempo de vigência e revisão do próprio regulamento, assim como a questão de adaptação do atual regulamento aos ranchos de romeiros da diáspora.

A oficialização deste regulamento pela diocese de Angra permitiu o enquadramento religioso das romarias, que eram até então completamente autónomas e regidas sobretudo por um direito costumeiro ou consuetudinário. A regulamentação referida funciona sobretudo como uma formalização e uniformização de elementos específicos da prática, deixando no entanto campo à liberdade e responsabilidade do Mestre de cada rancho, que continua a decidir, combinando a improvisação e a memória, inovando dentro da tradição.

Com a instituição e atualização desses documentos, é criado um grupo coordenador das romarias com a principal missão de orientar e coordenar as romarias e de atualizar, sempre que necessário, o regulamento.

O pós-romaria

O espírito das romarias não se esgota no final da quinta-feira santa do período quaresmal. O abandono do individualismo e a acentuação de uma relação de participação total e imediata de cada romeiro no rancho faz com que os valores de fraternidade e harmonia social subsistem após a romaria, pois muitos dos romeiros mantêm entre si o tratamento por *irmão* específico da Romaria.

Para dar continuidade a estes laços de fraternidade e às romarias no dia-a-dia, os ranchos de romeiros em estreita colaboração com o Movimento de Romeiros de São Miguel e com o Grupo Paroquial de Romeiros promovem retiros anuais de preparação às romarias, palestras e reúnem-se para expressarem o seu testemunho sobre os momentos mais significativos da caminhada. Neste contexto, anualmente, no 3º domingo da Páscoa, é realizado o “Dia do Romeiro” organizado pelo Grupo Coordenador das romarias em colaboração com os responsáveis locais de cada rancho e do Grupo Paroquial de Romeiros. Trata-se de um encontro de oração, reflexão e comunhão para os romeiros da ilha e suas famílias. Para este encontro são programadas palestras com temáticas ligadas às romarias e são apresentados testemunhos de romeiros sobre a experiência vivida durante a romaria. A realização de um almoço convivial e a celebração de uma missa fazem também parte integrante do programa.

Para manter o espírito de amizade, comunhão e oração entre os romeiros, foi criado o *Grupo Paroquial de Romeiros*. Este grupo, organizado por paróquia, é composto por leigos católicos que já integraram nas Romarias Quaresmais com o objetivo de participar e colaborar

em atividades paroquiais, à oração comunitária, a ações caritativas e à formação religiosa, moral e humana da comunidade em geral de forma a dar continuidade aos valores da romaria na vida quotidiana.

O *Movimento de Romeiros de São Miguel – Associação* (MRSM) consiste numa associação privada, sem fins lucrativos, de fiéis romeiros que integram ou já integraram nas romarias. Este Movimento é gerido pelo Grupo Coordenador composto atualmente por 5 membros e tem por objetivo principal coordenar as Romarias Quaresmais de São Miguel, segundo os princípios cristãos e católicos, zelando pela sua tradição e acompanhando todos os ranchos durante e após a romaria. (Cf. Anexo II / 5 – Fontes escritas, nº06 : Estatutos do Movimento Romeiros de São Miguel – Associação). Em 2013 foi criada a página oficial do MRSM - <https://mromeirossm.pt/> – com o intuito de recolher e divulgar todas as informações, artigos, vídeos relacionados com as romarias. Nela podemos conhecer um pouco da história das romarias, consultar o regulamento das mesmas, o mapa das pernoitas dos ranchos de 2023 e anos anteriores, a lista dos ranchos de romeiros da ilha, assim como notícias, atualidades e algumas orações inerentes a esta prática. Para além disso, o leitor tem acesso a uma galeria de fotos, vídeos, áudios com relação às romarias e também aos vários artigos e textos reunidos no Boletim O Romeiro e no Romeiros do Arcanjo, Heranças de Fé editados mensalmente pelos jornais “A Crença” desde 2015 e “Açoriano Oriental” desde 2021. Existe igualmente uma página do Facebook intitulada “Movimento de Romeiros de São Miguel”, exclusivamente dedicada às romarias e gerida pelo mesmo Grupo Coordenador.

7.3. Manifestações associadas

As Romarias Quaresmais têm a sua expressão máxima na ilha de São Miguel, mas também já se realizam nas ilhas Terceira, Graciosa e Santa Maria, assim como na Diáspora (Canadá e Estados Unidos da América) :

- a romaria quaresmal da Graciosa, realizada por um único rancho da ilha, teve o seu início em 2000 e tem um percurso de 2 dias. (<https://www.igrejaacores.pt/xix-romaria-quaresmal-da-graciosa/>) De facto, no ano de 2000, a convite de Manuel Ortins, José Bettencourt e José Cunha, alguns irmãos do Rancho de São Mateus de Toronto, liderado pelo irmão António Tabico, realizaram, com a colaboração das entidades locais, a primeira romaria na ilha

Graciosa. Desde então, e durante muitos anos um grupo significativo de emigrantes participou nesta romaria. Mais tarde, a romaria passou a ser composta exclusivamente por irmãos Graciosenses, que perdura até aos dias de hoje, liderada pelo Mestre Tony Silveira. (VIEIRA Carlos 2022, 43)

- a romaria do rancho de romeiros do Santuário de Nossa Senhora da Conceição, da Ilha Terceira. O rancho segue o mesmo regulamento de São Miguel e percorre a ilha durante 5 dias. Este rancho foi criado em 2006, sendo o único da ilha Terceira a realizar esta romaria anual. (<https://www.youtube.com/watch?v=zrBQYPpnhBs>)

- a romaria quaresmal de Santa Maria, realizada por homens e mulheres da ilha e provavelmente fundada no início do século XXI por Sacerdotes Micaelenses ou irmãos Marienses que vivenciaram esta experiência em São Miguel. A romaria é praticada por um único rancho e tem apenas a duração de um dia. (<<https://www.igrejaacores.pt/romaria-quaresmal-em-santa-maria/>>)

- os ranchos de Santa Maria de Toronto e de São Mateus de Toronto no Canadá, criados respectivamente em 1991 e em 2000, que se integram nas romarias de São Miguel. (<<https://youtu.be/MvdsLGQkEK8>>).

- as romarias Infanto-Juvenis realizadas por escolas com um percurso que dura uma tarde e com o objetivo de sensibilizar as crianças e os jovens para a importância das tradições e de valores de união, amizade e oração. (https://www.rtp.pt/acores/sociedade/criancas-em-romaria-quaresmal-nas-ruas-de-sao-miguelvideo_53467)

- as romarias femininas das ilhas de São Miguel e Terceira que desde 2004 fazem um dia de caminhada, rezando e cantando como os *Romeiros de São Miguel*. (<https://www.igrejaacores.pt/romarias-no-feminino-ja-mexem-em-sao-miguel-e-na-terceira/>) Não se trata da mesma tradição, da mesma participação, mas da recriação de uma romaria feminina a partir de aspetos e características tradicionais das Romarias Quaresmais.

8. Contexto de transmissão

8.1. Estado

Romeiros de São Miguel é uma prática ativa em toda a ilha de São Miguel.

8.2. Descrição

Romeiros de São Miguel é uma prática complexa do património cultural imaterial que reúne vários processos de transmissão. Esta prática é aprendida com recurso a diferentes meios : não apenas textuais (através do regulamento das romarias, do cancionero dos romeiros), mas em grande parte oralmente pela exemplificação prática adquirida não só durante as reuniões de preparação, como ao longo dos anos enquanto testemunhos oculares e auriculares, visto tratar-se de um costume que se repete anualmente. Os vários rituais, cânticos de entrada e de saída de uma igreja ou ermida, assim como as fórmulas fixas que fazem parte da romaria, tendem a ser transmitidas através da oralidade e da exemplificação prática. Os ranchos de romeiros são heterogéneos em termos etários, integrando crianças, jovens, adultos e até pessoas idosas, otimizando a transmissão de geração em geração e perpetuando a manifestação. O processo de transmissão de conhecimentos pelos mestres e responsáveis do rancho aos mais novos favorece a disseminação da tradição. Neste contexto, o acto de realização desta prática torna-se, sem dúvida, o meio de transmissão por excelência, pois é através dele que os espetadores, população em geral, assimila e integra os rituais, costumes e técnicas transmitidas durante a romaria. Neste sentido, a participação dos romeiros e da comunidade é capital e decisiva para a sua transmissão e continuidade.

A existência e realização desta prática desde o século XVI até à atualidade é prova da sua vitalidade na ilha de São Miguel.

8.3. Modo(s)

Os modos de transmissão são orais, escritos ou exemplificativos.

8.4. Agente(s)

Todos os participantes da romaria. Deve-se destacar o papel que os mestres dos ranchos tem tido na transmissão desta tradição, assim como o do Movimento Romeiros de São Miguel na dignificação, sustentabilidade e transmissão deste património imaterial.

8.5: Idioma: Português (Grupo dos dialetos insulares : açoriano / micalense)

9. Origem/historial

Romeiros de São Miguel, manifestação que faz parte integrante da história da religiosidade popular da ilha de São Miguel, é uma tradição secular que manteve-se viva ao longo dos séculos. Esta prática denominada também de “Visita às Casas de Nossa Senhora” tem, segundo a convicção atual, a sua origem nas calamidades provocadas pelos terramotos e erupções vulcânicas do século XVI (1522 e 1563). Foi sobretudo através destes dois elementos fundadores das romarias – a visita às casas de Nossa Senhora e a sua origem em 1522 – que traçamos a história das mesmas até à atualidade.

O terramoto de 1522 soterrou Vila Franca do Campo, a maior e mais populosa vila da ilha. A peste de 1523, que persistiu durante oito anos, também assolou a ilha. O terramoto de 1563 teve, por sua vez, consequências desastrosas em toda a ilha. Todos estes acontecimentos e o seu carácter catastrófico foram descritos por Gaspar Frutuoso no livro quarto (vol. II) das *Saudades da Terra*. Na visão do autor, o terramoto de 1522, um dos mais virulentos que a ilha conheceu, assumiu uma aceção sobrenatural sendo interpretado como um “Mandado de Deus” (FRUTUOSO 1981, p. 310) contra um povo que vivia em negligência dos deveres religiosos. Segundo Frutuoso, na véspera da tragédia, crianças da “vila castigada” teriam anunciado: “amanhã havemos de morrer todos e se há-de alagar esta vila.” (1981, p. 285). O mesmo autor salienta igualmente que o pregador dominicano Frei Afonso de Toledo, também teria predito estes mesmos fatos ao povo. (1981, p. 286) Foi ele quem teria mandado construir uma capela de invocação a Nossa Senhora do Rosário e “ fez também o dito pregador fazer um voto a todos de irem a esta casa do Rosário com procissão, todas as quartas-feiras, e dizerem uma missa, que ao seu dia dizem, e de que há confraria, em memória daquela quarta-feira, triste dia, indo ali procissões de noite ou de madrugada, o que se cumpriu sempre; mas de poucos anos a esta parte, por algumas justas e honestas razões, já cessaram, fazendo-as cada ano, de dia, em toda a ilha.” (1981, p. 295) Neste contexto, podemos constatar que os acontecimentos do século XVI deram origem a procissões, realizadas inicialmente em Vila Franca do Campo e que se foram generalizando noutros concelhos da ilha, sendo elas feitas de dia. A devoção a Nossa Senhora do Rosário foi o principal fundamento destas procissões. Em 1640, o cronista Frei Diogo das Chagas afirma que a procissão, em memória deste acontecimento de 1522, mantinha-se de forma significativa : “Os Nobres da Villa que vivos ficarão, juntamente com a Camara fizerão nelle assento e solemne voto de todos os annos em

quanto o mundo durasse fazerem por si em quanto vivos e depois por seus sucessores solemne procissão pollo tal dia em memoria deste açoute [...] que elles em quanto vivos dizem faziam com toda a solemnidade e devação, o que ainda hoje em dia se faz mas não com tanta perfeição como eu vi o anno de 1622 porque não vive nenhum oje dos que este castigo virão e como o tempo tudo bota em esquecimento, não vivem os de hoje disto lembrados [...] (CHAGAS 1989, p.196). No entanto, Frei Diogo das Chagas fala apenas de uma procissão, realizada em Vila Franca do Campo. Ele também testemunha que em 1640, ano da redação de seu texto, esta procissão não foi feita com a mesma perfeição que em 1622, talvez por se tratar do ano do centenário e que Diogo das Chagas qualifica-a de impressionante e exemplar, face às procissões realizadas nos anos seguintes.

Se os manuscritos do século XVI alegam poucos elementos relacionados com a prática em questão, os do século XVII evidenciam certas características inerentes a este fenómeno, pois é certo que a partir de 1630 – ano de grandes tremores de terra e erupções vulcânicas – esta prática tomou uma forma semelhante à realizada atualmente. Esta catástrofe de 1630, considerada como a maior das erupções registadas após a colonização dos Açores e descrita pelos cronistas da época – Luís Maldonado, António Cordeiro e Frei Agostinho de Monte Alverne – ficou conhecida pelo “Ano da Cinza”, devido à grande quantidade de cinza que caiu durante três dias. Relativamente a esta calamidade de 1630, Frei Agostinho de Monte Alverne, na sua obra *Crónicas da Provincia de S. João Evangelista das Ilhas dos Açores*, ao relatar a vida dos eremitas do Convento do Vale de Cabaços, sito em Água de Pau, faz referência às romarias feitas pelos habitantes da ilha. Cita uma penitência encetada pelos micaelenses que visitam, a pé e descalços, de dia como de noite, as casas de Nossa Senhora existentes na ilha. Salienta que o total de ermidas visitadas pelos penitentes eleva-se a 61. O padre Manoel da Purificação (f.1678), ministro desta Congregação eremítica, lega-nos alguns detalhes sobre estas romarias num manuscrito redigido por ele em 1665. Nesta obra, o autor narra a vida dos eremitas e descreve, embora de forma sucinta, as romarias feitas pelos micaelenses. No entanto, observou-se que na margem esquerda da primeira página deste capítulo, foram acrescentados dois elementos: o ano de 1650 que corresponde ao último ano em que os eremitas se encontravam na ermida de N. Sra. da Conceição do Vale de Cabaços; e uma nota “Origem da devoção que tem os moradores desta Ilha em vizitar as Cazas de Nossa Senhora”, o que faz crer que o autor desta nota associa a origem da devoção em visitar as Casas de Nossa

Senhora à catástrofe de 1630. (Cf. Anexo II / 5 – Fontes escritas, nº08 : *Capítulo 35 : De como os cinco heremitas continuarão na ermida de N. Sra da Conceição no Valle da Piedade de Val de Cabassos ate o anno de 650 e o fructo que fizerão*). O texto apresenta características inerentes a estas romarias, cujo principal objetivo consistia em correr os templos marianos existentes na ilha. Se em 1635 o número de ermidas visitadas era de 61, observa-se que em 1650, os romeiros visitavam entre 60 e 70 templos de invocação feminina. Manoel da Purificação afirma, igualmente, que tanto os homens como as mulheres e até mesmo as crianças participavam nestas romarias, o que deixa transparecer que, nesta época, esta prática era mista. Para além destes elementos, o autor evoca que os romeiros percorriam a ilha a pé e descalços, num percurso que durava vários dias e era feito tanto de dia como de noite. Por outro lado, salienta que os romeiros provinham sobretudo de um meio rural e que apesar de as romarias se realizarem durante todo o ano, era sobretudo no verão que havia um número significativo de romeiros. Com o decorrer do tempo, as romarias passaram a serem realizadas durante a época da Quaresma, certamente e como salienta Francisco Carreiro da Costa no seu texto Religiosidade do povo açoriano através do seu folclore “ por ser esta a quadra mais propícia à penitência e em que os trabalhos agrícolas exigem menos braços. (1961, p. 3)

O padre António da Assumpção (1610-1680), eremita desta congregação, redigiu na fase final da sua vida um manuscrito, considerado hoje como desaparecido, intitulado “Peregrinação que costumam fazer os moradores desta ilha de Sam Miguel visitando as Igrejas de Nossa Senhora”. (MACHADO, Diogo Barbosa 1965, 328) Este título evidencia a existência e realização destas romarias durante o século XVII. O estudo comparativo dos textos do século XVII permite confirmar a existência de um dos elementos fundadores das Romarias Quaresmais de São Miguel – a visita às casas de Nossa Senhora.

Os manuscritos do século XVIII fazem igualmente alusão a estas romarias pelo prelado diocesano. A leitura de um conjunto de visitas pastorais a paróquias da ilha permitiu concluir que em todas as paróquias visitadas há referência às romarias, o que leva a crer que eram então já prática comum. No entanto, nestes capítulos visitacionais, as autoridades eclesiásticas proibem a participação do sexo feminino nas romarias pelos abusos e comportamentos inadequados cometidos. Apesar das determinações expostas pelas autoridades eclesiásticas, as romarias continuavam a ser praticadas, pois em 1743 a questão da proibição volta a ser focada. No entanto, constata-se desta vez, que a proibição não se

aplica apenas ao sexo feminino, mas às próprias romarias. Todavia, a ação repressiva da Igreja não impediu a continuação desta manifestação da religiosidade popular nos séculos seguintes. Por exemplo, John Webster (1793-1850) confirma que no século XIX estas romarias constituíam uma prática enraizada no sistema cultural e religioso da ilha, relatando que a penitência mais comum da ilha consistia em percorrer a ilha descalço, rezando em todas as igrejas e capelas e diante de todas as imagens e cruzeiros. Do mesmo modo, Francisco Maria Supico num texto intitulado “Romeiros e Romagens”, redigido no início do século XX, afirma que ainda subsistia o costume das romagens quaresmais. Contudo, Supico ao descrever as Romarias Quaresmais, cita apenas a participação do sexo masculino, salientando que os ranchos só saem das freguesias e que às vezes excedem a cem. Para além disso, o decreto de 1835 redigido pelo Prefeito da Província Oriental dos Açores, com o objetivo de proibir estas romarias, menciona igualmente esta prática indicando que se trata de peregrinações tumultuárias que se costumam fazer nesta ilha em tempo de quaresma, de homens reunidos com o título de romeiros. Mas, segundo Francisco Maria Supico esta proibição não foi respeitada por todos os ranchos de romeiros, pois em 1839 um novo decreto de proibição desta prática é divulgado pela Administração Geral de Ponta Delgada. A proibição destas romarias é justificada por um número significativo de abusos originando perturbação de tranquilidade pública e escândalo à religião do Estado. Neste contexto de uma época de regime liberal, note-se que não se trata de uma proibição da autoridade religiosa, mas da autoridade administrativa.

Francisco Maria Supico ao descrever as romarias, muito semelhantes às atuais, faz referência à proibição da passagem dos romeiros pela capital da ilha. De facto, O padre João José Tavares no artigo intitulado “Nota Histórica Os Romeiros.” e publicado no jornal *A Crença* cita que o governador civil Félix Borges de Medeiros (1851-1863) havia feito essa proibição. (21/03/1926, nº 493, p. 3)

Apesar destas proibições, no *Livro do Tombo* (1695-1876) da paróquia de Nossa Senhora da Estrela da Ribeira Grande, está registado que no dia 25 de Março de 1858 concorrem todos os anos, os devotos a visitar as casas da Virgem da vila da Ribeira Grande, o que leva a crer que os ranchos de romeiros continuavam a sua romaria de freguesia em freguesia visitando as casinhas (igrejas e ermidas) de invocação a Nossa Senhora.

No início do século XX, as romarias foram novamente alvo de outras proibições. Trabalhos recentes defendem que entre 1911 e 1918 esta manifestação esteve interrompida, argumentando que a instauração da I República em 1910 e o anticlericalismo foram as causas principais desta proibição. A análise do *Livro de Registo de Licenças para Actos Religiosos* do Fundo do Governo Civil de Ponta Delgada permite pôr em questão esta tese, visto que neste livro se encontram registadas várias licenças e autorizações concedidas relativas aos *Romeiros de São Miguel*.

Durante o governo de Horácio de Medeiros Franco (1921-1923), esta tradição é proibida na ilha inteira por motivos de “salubridade pública”, pois a ilha de São Miguel foi vítima da gripe espanhola e o risco de contágio teria sido, naturalmente, a causa principal da proibição. A pandemia propagou-se nos Açores desde 1918 e prolongou-se até 1919. Relativamente a este período de gripe, numa circular enviada ao clero paroquial o Bispo de Angra D. Manuel Damasceno da Costa (1915-1922) apresenta as precauções a tomar durante este período de gripe, sendo uma delas o adiamento e impedimento das solenidades religiosas e das devoções noturnas nas igrejas. Apesar disso, 16 romarias foram autorizadas em 1919. Segundo fontes orais, esta proibição prolongou-se durante alguns anos.

Ao percorrer os jornais *A Crença*, *A Ilha*, *Diário Insular*, *Correio dos Açores*, *Açoriano Oriental* e *Diário dos Açores* encontrámos vários artigos que fazem referência às romarias. Entre 1920 e 1930 *A Crença* publica artigos que descreve o decurso das romarias. O padre Ernesto Ferreira, diretor do jornal supracitado escreve um artigo sobre alguns conflitos entre o clero e os romeiros sendo estes últimos criticados pela desobediência para com os párocos da ilha e pelo não cumprimento de certos valores ligados a esta prática como o espírito de seriedade, penitência e humildade durante a romaria. (29/02/1920, n° 214, p. 2) Neste sentido, um artigo, escrito em 1947, pelo padre Luís Cabral faz alusão a uma circular redigida pelo bispo da Diocese de Angra – Dom Manuel Damasceno da Costa – e dirigida ao clero da ilha de São Miguel no dia 7 de fevereiro de 1921. O texto define as medidas específicas de controlo das romarias. O bispo Dom Manuel Damasceno da Costa considera que as romarias mais parecem viagens recreativas pela ilha. Neste sentido, ele ordena que apenas os romeiros com verdadeiro espírito de penitência e devoção devem incorporar-se no rancho. De seguida, o bispo dá diversas recomendações aos padres : comandar, liderar e acompanhar a organização dos ranchos das suas paróquias ; prepará-los com instruções prévias e

advertências sobre o comportamento e a postura aquando da passagem nas freguesias e vilas da ilha. De igual modo, e antes da partida de cada rancho, os padres devem recomendar a confissão e a comunhão. Para além disso, eles devem redigir uma carta de recomendação que deverá ser apresentada aos padres das freguesias onde os romeiros pernoitam a fim de serem mais bem recolhidos. Todos os ranchos que apresentam a dita carta devem ser acolhidos e apoiados, material e espiritualmente, pelo pároco da paróquia. (*A Crença*, 09/03/1947, n° 1566, p. 2.) Todas estas recomendações vão permitir com que as romarias sejam realizadas com espírito de penitência e devoção.

O padre João José Tavares no seu artigo “Nota Histórica. Os Romeiros” publicado no jornal *A Crença* afirma que esta prática não podia ser realizada sem a autorização da autoridade administrativa e confirma que o governador civil Félix Borges de Medeiros proibira a passagem dos ranchos de romeiros por Ponta Delgada, capital da ilha. Para além disso, ele realça que o governador civil Horácio de Medeiros Franco, governador de 1921 a 1923, recusara a autorização para a realização desta prática na ilha inteira por motivos de “salubridade pública”, consequência da interrupção das romarias entre 1921 e 1926. (21/03/1926, n° 493, p. 3)

Em 1929, os jornais micalenses *A Crença* e *O Autónimo* publicam artigos anónimos anunciando o regresso das romarias. Eles revelam o regresso das romarias à volta da ilha neste mesmo ano, afirmando que o risco de transmissão da peste terá sido o motivo principal de proibição pelas autoridades. Manuel Inácio de Melo, grande entusiasta das romarias, foi o principal instigador junto das autoridades para a obtenção de autorização de retorno da tradição. (*A Crença*, 10/03/1929, p. 3 ; *O Autónimo*, 09/03/1929, p. 3.)

No entanto, é muito provável que nem todos os grupos de romeiros obedecessem às proibições em questão. Ao longo desta história de proibições, constata-se que sempre houve uma certa resistência e transgressão às leis impostas. A realização clandestina da romaria parece mais que provável. É de salientar igualmente que muitas vezes a passagem pela cidade de Ponta Delgada e por algumas sedes de concelho (como a Ribeira Grande e Vila Franca do Campo) se fazia em silêncio e geralmente com o xaile pela cabeça a fim de evitar possíveis denúncias ou críticas, sobretudo por parte das classes dominantes e elitistas, devido ao tom pitoresco desta forma de devoção. Como referido anteriormente, para estas passagens, a autorização concedida pela autoridade administrativa do distrito era obrigatória. O Mestre do

rancho, portador desta licença, tinha de apresentá-la ao administrador do concelho para que este autorizasse a passagem. No entanto, possuir a autorização oficial para realizar a romaria era uma exigência que existia já no século XIX e que se prolongou até ao século XX. Qualquer evento e manifestação de ordem pública realizava-se sob o controlo do governo civil. Convém sublinhar também que, naquela época, a romaria quaresmal de São Miguel não era ainda reconhecida e oficializada pela Igreja. Era considerada como uma prática autónoma e marginal, realizada fora do contexto religioso e institucional. Esta autonomia encontra-se bem evidente no livro dos pedidos das licenças para atos religiosos. Neste documento, notámos que os requerimentos são feitos pelos próprios romeiros, mestres ou principais responsáveis pelos ranchos e não pelos párocos. Segundo fontes orais, esta condição imposta aos romeiros existia ainda em 1959.

A partir de 1936, verifica-se que as romarias encontram-se em decadência, razão pela qual os artigos dos jornais da ilha apelam à revalorização desta prática. O padre José Jacinto Botelho (1876-1946) é uma das personalidades que defende a importância de dar continuidade às romarias, consideradas segundo ele como a tradição mais digna da ilha. Num artigo intitulado 'Romarias Quaresmais', ele indica que o número de ranchos diminuiu consideravelmente. A crise económica, a crise religiosa e a imagem negativa que certos propagam sobre as romarias são, para o autor, as causas principais do seu declínio. (*A Crença*, 22/03/1936, n.º998, pp. 2-3)

No ano de 1938 e seguintes, os artigos sobre o tema do declínio das romarias sucedem-se assim como o apelo, dirigido aos micalenses, em garantir a continuidade das mesmas. Os jornais *A Crença*, *Correio dos Açores*, *O Autónomico* e *Diário dos Açores* são os principais jornais que fazem campanha para esta continuidade. Ernesto Ferreira e José Jacinto Botelho são dois dos redatores incansáveis que no jornal *A Crença* lutam para a preservação das tradições que estão a cair em desuso, entre as quais as romarias. (*A Crença*, 19/02/1939, n.º 1149, p. 2. ; *O Autónomico*, 12/03/1938, n.º 1844, p. 2.)

Numa época de afirmação regionalista e autonomista, José Jacinto Botelho critica os intelectuais que não fazem alusão a esta prática tipicamente micalense ao exemplificarem traços de identidade e alma açorianas. (*A Crença*, 06/03/1938, n.º 1099, p. 2.) Em 1942, José Jacinto Botelho critica a hierarquia eclesiástica pela ausência de tomada de posição e de apoio às romarias. (*A Crença*, 01/02/1942, n.º 1303, p. 2)

A partir de 1950, os jornais *A Ilha* e *Correio dos Açores* vão contribuir consideravelmente para a divulgação das romarias. Os intelectuais Luíz Bernardo Leite Atháide, Francisco Carreiro da Costa (1813-1981) e Manuel Inácio de Melo (1898-1986) redigiram inúmeros artigos, nos quais apresentam, descrevem e valorizam as romarias. Em 1966, segundo Manuel Inácio de Melo, é criado o primeiro rancho de romeiros na cidade de Ponta Delgada, capital da ilha. (*Diário dos Açores*, 25/01/1966, nº 26030, p. 1.) É de salientar que o reconhecimento oficial desta manifestação pela Diocese de Angra, através da publicação do regulamento dos romeiros em 1962, permitiu, sem dúvida, atenuar e mesmo apagar esta imagem negativa que ela adquirira. O clero, que muitas vezes ignorava e criticava as romarias, defende-as e encontra-se hoje muito envolvido nelas. É de notar que estas romarias, consideradas durante séculos de autónomas e populares e por conseguinte muitas vezes marginalizadas, ou ignoradas pelos detentores do poder civil e eclesiástico e sectores progressistas da sociedade, são hoje totalmente integradas na paróquia e valorizadas socialmente como marca indelével de identidade etnocultural do povo açoriano. O atual prelado diocesano, ao manifestar o desejo em integrar uma romaria e ao participar, desde há alguns anos, nos vários Retiros Espirituais anuais desta prática, deixa bem clara a posição da Igreja Católica sobre as romarias de São Miguel como inestimável manifestação de fé do povo açoriano, que, portanto, deve ser acarinhada e valorizada no seio das paróquias da diocese. Contrariamente ao que acontecia ainda durante parte do século XX em que os romeiros passavam pela capital da ilha em silêncio, hoje assistimos à própria formação de ranchos em paróquias da cidade de Ponta Delgada. É de constatar igualmente que ultimamente nos vários ranchos de romeiros, encontramos indivíduos de todas as categorias profissionais - camponeses, pescadores, mas também empresários, bancários, professores universitários, profissionais liberais, carpinteiros, empregados de mesa, jardineiros, estudantes, sacerdotes – e vindos de lugares diferentes – homens da ilha de São Miguel, das várias ilhas dos Açores, de Portugal continental, do Brasil, do Canadá, dos Estados Unidos da América, da Alemanha, das Bermudas. Neste contexto, tanto o setor privado como o setor público têm demonstrado recetividade e compreensão a esta manifestação facultando e aceitando o pedido de ausência de trabalho dos romeiros participantes. (Cf. Despacho n. 125/2023 de 26 de janeiro de 2023, do Governo Regional dos Açores que dispensa os trabalhadores da Função Pública que participam nas Romarias Quaresmais realizadas nas ilhas Graciosa, São Miguel e Terceira,

durante o período da Quaresma, do ano de 2023: https://mromeirossm.pt/wp-content/uploads/2023/02/327548423_599776261969962_1393236038473185439_n.jpg).

As romarias vão ocupar igualmente um espaço importante na literatura regionalista. O padre José Jacinto Botelho, de pseudónimo António Moreno, publicou no jornal *A Crença* vários poemas sobre as romarias. Um dos poemas, intitulado *Ave-Maria*, é cantado pelos diversos ranchos de romeiros da ilha. Evocando a sua participação de romeiro durante a sua infância, mostrando os aspetos singulares e seculares da romaria, os poemas de Botelho são autênticos hinos à ilha de São Miguel :

ROMARIA

Oh terra de **S. Miguel**,
Noiva beijada d'aurora !
És altar por nossos pais
Erguido a Nossa Senhora.

Nasceste no cólo d'Ela,
Batizada sob a cruz !
Deram-te à Virgem Maria
Por melhor dar-te a Jesus.

Com a sombra de meus avós
Vou fazer a romaria ;
Minha voz une-se à deles :
= Padre Nosso, Ave Maria.

Esta prece brota d'alma
Qual jacto de água corrente ;
É tão doce esta mistura
Do passado com o presente !

Que longa fila piedosa

De romeiros que aí vem !
Hei-de ouvi-los na saudade !
Rezar com êles tambem ... (05/04/1942, p. 3)

Outros poetas e poetisas como Maria Isabel da Câmara Quental, Valério Florense, pseudónimo do padre José Luís de Fraga, Oliveira San-Bento, Manuel Inácio de Melo inspiraram-se também desta tradição.

Ernesto Ferreira e Urbano Mendonça Dias foram os primeiros autores açorianos a debruçarem-se sobre esta manifestação. Na obra *A Alma do Povo Micaelense* (1927) Ernesto Ferreira escreveu um texto intitulado “Os Romeiros” dedicado às Romarias Quaresmais. Considerando as romarias como uma das mais belas tradições da ilha de São Miguel, eco de um passado sempre presente, Ernesto Ferreira apresenta, de forma poética, as características típicas das romarias. O autor, grande defensor das romarias, critica os que contestam esta prática e faz um apelo em favor dos costumes e rituais ancestrais existentes nas romarias, tratando-se de uma preciosa herança transmitida ao longo das gerações. (1927, pp. 140-141)

Urbano Mendonça Dias (1878-1951), em duas das suas obras *A Vila* (vol. IV) e *A vida dos nossos Avós* (vol.V), descreve a organização das romarias e conta o desenrolar de uma visita a uma igreja.

O etnógrafo e escritor Luís Bernardo Leite de Athaíde (1883-1955), apaixonado pela arte e pela etnografia açorianas, manifestou de forma considerável o seu afeto por esta tradição. Na sua obra *A nossa gente*, escreveu um texto em prosa rítmica, intitulado ‘A Voz da Terra’ exaltando a voz dos romeiros definida como a voz de um povo de uma tradição micaelense. (1935, pp. 185-191)

Armando Côrtes-Rodrigues (1891-1971), poeta, dramaturgo, cronista e etnólogo açoriano é uma das personalidades micaelenses que, ao longo da sua vida e dos seus escritos, destacou as tradições insulares, entre as quais as romarias de São Miguel. Nas crónicas *Voz de Longe* (1961-1966), o poeta dedica vários textos aos romeiros da ilha. (1974, pp 81-84.) ‘Romeiros !’, em prosa poética conta a história de *Tio João Sem Terra*, personagem principal de setenta anos que incarna o modelo da simplicidade e da fé do verdadeiro romeiro. O poeta, ao contar a história do *Tio João Sem Terra* que participa – pela última vez – à romaria mergulha o leitor nesta tradição única, glorificando a força secular desta fé : “Não é gente faminta,

andrajosa, miserável, revoltada na sua pobreza contra a secura dos ricos, essa que aí vai : é gente sadia, que conta consigo, que deixa o amparo do trabalho de cada semana para pedir por todos : Pela Pátria, pela terra onde nasceram, pelos que trazem no coração, pelos que nos esperam na outra Vida e por aqueles que nem sequer sabem rezar ... Basta uma fé destas, para dignificar um Povo ! (pp. 223-227). Esta tradição encontra-se igualmente presente numa peça de teatro regional – *O Milhafre* – escrita pelo mesmo autor. Nesta peça, o romeiro é representado como um bom penitente, o exemplo da esperança e da fé, sendo aquele que faz reviver as tradições dos seus antepassados. (1933, pp. 51-88.)

Mais tarde, outros intelectuais como Luís Ribeiro, Caetano Valadão Serpa, João Leal, Francisco Carreiro da Costa, José Maria Teixeira Dias, José Francisco Pacheco e J. M. Bettencourt da Câmara contribuíram igualmente para a divulgação desta tradição micaelense.

A partir do início do século XXI são publicadas várias obras dedicadas às romarias e aos ranchos de romeiros da ilha entre as quais destacam-se *Romeiros A Fé de um Povo*, em 2003 de António Tabico ; *A Irmandade dos Romeiros*, em 2006 de Alexandre Coutinho ; *Uma singular peregrinação cristã*, em 2008 de Agostinho Pinto ; *Percursos de Fé*, em 2021 de Fernando Maré ou ainda *Romeiros de São Miguel Arcanjo – 500 Anos de História*, em 2022 de Carlos Bolarinho Vieira. Foram sendo desenvolvidos igualmente trabalhos de investigação científica não só a nível nacional como também a nível internacional distinguindo-se a tese de doutoramento intitulada *Romeiros de São Miguel, entre tradition et innovation : de l'oralité au texte écrit* (Romeiros de São Miguel, entre tradição e inovação : da oralidade ao texto escrito) em 2007 de Carmen Ponte ou ainda a dissertação de mestrado “*Romeiros de São Miguel: A música na caminhada da Quaresma*” em 2012 de Ana Carvalho. Em novembro de 2022, o sacerdote e romeiro polaco André Grecki defendeu no Canadá a sua tese de doutoramento intitulada “*Piedade popular nas Romarias Quaresmais de São Miguel*”.

Os *Romeiros de São Miguel* mereceram também um lugar de destaque nas Artes. A expressão de fé profunda dos romeiros encontra-se bem visível nos quadros do pintor regionalista Domingos Rebelo (1891-1975). O primeiro, datado de 1926, *Romeiros em S. Gonçalo*, mostra uma série de elementos específicos à romaria. O segundo quadro, *A Ceia do Romeiro*, (1925) ilustra a ceia que a família oferece ao romeiro no momento da pernoita.

A televisão portuguesa – e sobretudo a RTP-Açores – tornou-se um outro meio de difusão das romarias. Durante a Quaresma, o programa matinal de informação da RTP-Açores *Bom Dia Açores*, dá informações sobre a saída, pernoita e chegada dos vários ranchos da ilha. As emissões de cultura regional como *O Estado da Região* e *Atlântida*, fazem das romarias um dos temas emblemáticos dos seus programas.

Em 2000 é estreado o telefilme *A Viagem*, produzido pela RTP-Açores e realizado por Mário Ferreira Mendes, que apresenta uma viagem de descoberta dos sólidos valores açorianos, entre os quais as Romarias Quaresmais de São Miguel. (<https://www.rtp.pt/programa/tv/p6655>)

Em 2015, o documentário “Irmãos”, sobre as romarias de São Miguel, do realizador Pedro Magano, venceu o Grande Prémio do festival Caminhos do Cinema Português. (<<https://mromeirossm.pt/category/romarias-quaresmais-2015/>>)

Em 2018, o programa *70x7* da Agência Ecclesia apresentou uma reportagem na RTP “Romeiros de São Miguel”, pelo jornalista Henrique Matos, com o rancho de Vila Franca do Campo. (<<https://www.youtube.com/watch?v=fR7K8H09v2c>>)

Em 2020, o documentário “Romeiros do Arcanjo – Heranças da Fé”, da autoria de Fernando Resendes, venceu o prémio Ayres d’Aguiar. Foi realizado durante a quaresma e faz um relato tanto pragmático, como sentimental das romarias realizadas na ilha de São Miguel. (Cf. Anexo II/2 – Documentação fílmica / videográfica, nº13 : Romeiros do Arcanjo – Heranças da Fé).

Em maio de 2023, o programa *Linha da Frente* apresentou a grande reportagem *Q Caminho da Ilha Grande*, da jornalista Sandra Vindeirinho, com imagem de Rui Machado Rodrigues e edição de Sara Cravina, equipa que acompanhou de perto o rancho de romeiros da Ribeira Quente, durante 300 quilómetros com o intuito de retratar a realidade deste fenómeno. (<<https://www.rtp.pt/play/p11145/e691231/linhada-frente>>)

Neste contexto, podemos afirmar que padres, poetas, artistas, escritores, jornalistas, realizadores foram e continuam a ser os principais atores desta valorização e preservação das romarias, considerando esta tradição como um exemplo secular de identidade micaelense.

A partir do início do século XXI novas iniciativas se associam às romarias atuais, com, por exemplo, a criação de um grupo de crianças das escolas de Ponta Delgada – entre 7 e 14

anos – que reproduzem a romaria num percurso de um dia, visitando as igrejas da Covoada, Relva e Ponta delgada, reprodução esta que perdura desde 2004. (COELHO, Ana, p.22.) Tratando-se de uma manifestação realizada exclusivamente pelo sexo masculino, um grupo de mulheres decidiram, em 2004, criar e organizar a sua própria romaria com a duração de um dia. A saída tem início na freguesia de Santa Clara, do concelho de Ponta Delgada com a chegada em Rabo de Peixe do concelho da Ribeira Grande. Acompanhadas pelo pároco da paróquia de Santa Clara, e preparadas pelos responsáveis do rancho de romeiros desta mesma freguesia, cerca de 500 mulheres visitaram, em 2005, as igrejas e ermidas cantando e rezando algumas das orações e cânticos dos romeiros. (*Diário dos Açores*, 08/03/2005, p. 3.) Este número tem aumentado significativamente ao longo dos anos. No entanto, não se trata da mesma tradição, da mesma participação, mas da recriação de uma romaria feminina a partir de aspetos e características tradicionais das Romarias Quaresmais. Por outro lado, esse movimento recente de romeiras faz reavivar uma realidade que remonta ao século XVII, proibida depois por questões eclesiásticas, nos séculos XVIII e XIX. Apesar da exclusão do sexo feminino nas romarias, a mulher continua a desempenhar um papel de acompanhamento importante nas mesmas, quer durante a partida e chegada dos romeiros, quer durante o acolhimento dos romeiros para a pernoita ou no chamado “dia da visita da família”. (Silva, 2003: 241-249)

Além disso, têm sido promovidos vários eventos em homenagem aos romeiros, tais como a inauguração em 2005, na freguesia do Livramento, de uma estátua em basalto representando o *romeiro*. Em 2016 foi feita a exposição “Bordões e cevadeiras” no museu vivo do Franciscanismo, na Ribeira Grande, com o objetivo de dar a conhecer a história das Romarias Quaresmais na ilha de São Miguel. (Cf. <<https://www.acorianooriental.pt/noticia/bordoes-e-cevadeiras-em-exposicao-no-museu-do-franciscanismo>>).

O ano de 2022 marca os 500 anos de Romarias Quaresmais, sendo ao longo do mesmo promovidos vários eventos : a 6 de junho, realizou-se uma exposição fotográfica “500 Anos de Romarias Quaresmais: Memórias de Laudalino da Ponte”, composta por fotografias de vários momentos das tradicionais romarias, como as caminhadas, convívios em família ou as visitas às igrejas da ilha de São Miguel, entre muitas outras. Para perpetuar esta data comemorativa foi colocada uma placa alusiva aos 500 Anos das Romarias

Quaresmais, com imagem executada pelo fotógrafo Fernando Resendes, na Praça do Emigrante na Ribeira Grande. (Cf. <<https://www.acorianooriental.pt/noticia/romeiros-homenageados-na-praca-do-emigrante-339824>>).

Após três anos de interrupção devido à pandemia Covid-19, declarada a 11 de março de 2020, o ano de 2023 marca o tão esperado regresso das Romarias Quaresmais que se realizou entre 25 de fevereiro e 6 de abril, dando continuidade a esta tradição secular. De facto, em março de 2020, em plena Quaresma quando as Romarias Quaresmais, repartidas pelas seis semanas da Quaresma, seguiam a sua prática tradicional, começaram a surgir vários casos de Coronavírus (COVID-19) no arquipélago obrigando o cancelamento das mesmas. Durante a primeira e segunda semanas da Quaresmas (29 de fevereiro a 14 de março), 21 ranchos de romeiros puderam ainda realizar as suas romarias, sendo suspensas as romarias da terceira semana e seguintes com o anúncio pelo Governo Regional dos Açores de estado de alerta face à pandemia do COVID-19. Nos dois anos seguintes, as romarias são canceladas novamente conforme a “Deliberação do Grupo Coordenador do MRSM n.º 1/2021, de 7 de janeiro de 2021”, e da Assembleia Geral Extraordinária a 19 de novembro de 2021, considerando que dado o contexto pandémico que se fazia sentir na ilha de São Miguel, era impraticável operacionalizar, particularmente do ponto de vista logístico, as Romarias nos moldes tradicionais. No entanto e de forma a manter vivo o espírito de oração e irmandade das romarias, o Grupo Coordenador sugeriu a cada um dos Ranchos a prática de atividades de natureza digital: recitação do terço, participação conjunta na eucaristia, em encontros virtuais, publicação diária de vídeos de uma romaria virtual realizada pelo rancho de São Pedro de Ponta Delgada, entre outras atividades. (Cf. VIEIRA Carlos 2022, pp. 50-51)

Entre 25 de fevereiro e 6 de abril de 2023, 55 ranchos, com um total de cerca de 2000 romeiros retomaram a sua romaria tradicional.

Durante o ano pastoral de 2022 e 2023 de comemoração dos 500 anos das Romarias, O Grupo Coordenador do Movimento de Romeiros de São Miguel promoveu e realizou diversas atividades comemorativas, em todos os Concelhos da Ilha, com o apoio da Direção Regional da Cultura e das Câmaras Municipais micaelenses. Foram realizadas conferências, exposições, celebrações eucarísticas e encontros de convívio, com momentos de reflexão espiritual, cultural e histórica. (Cf. <<https://www.igrejaacores.pt/movimento-de-romeiros-de-sao-miguel-assinala-500-anos-de-romarias-quaresmais/>>).

De facto, este foi um dos maiores eventos ligados às Romarias Quaresmais. Ele iniciou-se no dia 01 de Outubro de 2023 em Ponta Delgada no Salão Nobre dos Passos do Concelho com a presença do Presidente do Governo Regional dos Açores, de vários Presidentes das Câmaras Municipais da ilha de São Miguel e de uma conferência intitulada “Romeiros em São Miguel: a resistência de uma fé”, da professora da Universidade dos Açores Susana Goulart Costa. Seguiu-se a inauguração de Exposição alusiva aos 500 Anos das Romarias Quaresmais de São Miguel, no centro histórico da cidade. Trata-se de uma exposição itinerante percorrendo toda a ilha durante o ano das comemorações. No âmbito das comemorações dos “500 anos da Subversão” de Vila Franca do Campo em 22 de Outubro de 1522, foi inaugurado um memorial para marcar a efeméride a 22 de outubro de 2022 e foi lançado no convento de São Francisco, em Vila Franca do Campo, o livro “Romeiros de São Miguel – 500 Anos de História” da autoria de Carlos Bolarinho Vieira e que traça o percurso histórico das Romarias Quaresmais, com enfoque na história e evolução da romaria da Vila. No dia 23 de outubro realizou-se excepcionalmente o “Dia do Romeiro” em Vila Franca do Campo, com a inauguração e bênção de um monumento dos romeiros em basalto, pelos “500 Anos de Romarias”, depois recriou-se a primeira procissão que foi a génese das nossas romarias até ao Convento de São Francisco, lugar da primitiva Ermida de Nossa Senhora do Rosário, seguindo-se um convívio no Pavilhão AçorArena, terminando com uma Eucaristia solene na Matriz de São Miguel Arcanjo. (Cf. <<https://fb.watch/po1dFD1OOv/>>) No dia 7 de Maio de 2023, foi celebrado o dia do romeiro no concelho de Nordeste coincidindo com o terceiro evento celebrativo dos 500 Anos da Aparição de Nossa Senhora do Pranto, e que contou com a presença do Bispo da Diocese, Dom Armando Esteves Domingues. Para além disso, e por ocasião das solenes festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres de maio de 2023, os ranchos de romeiros da ilha foram solicitados a participar ativamente nas celebrações eucarísticas e na procissão do evento. A 8 de Setembro de 2023, no Museu Vivo do Franciscanismo, na Ribeira Grande, foi realizado o evento denominado "Mestre de Romeiros, os Guias da Oração" que consistiu numa homenagem a antigos mestres de romeiros da ilha valorizando e homenageando sobretudo o empenho e a dedicação empregue em prol do crescimento e da valorização das Romarias Quaresmais. (Cf. Anexo II/6 - Outra Documentação, nº08 : Mestre de Romeiros, os Guias da Oração). No dia 30 de Setembro, realizou-se um concerto de cantigas ao desafio intitulado “Vozes do povo. Do improvisado à Ave Maria.” na Povoação. Foi uma iniciativa do

Movimento de Romeiros de São Miguel em homenagem à sociedade civil, autoridades e famílias do concelho da Povoação pelo acolhimento que fazem durante a Quaresma aos mais de 40 ranchos que pernoitam nesta parte da ilha. O dia 25 de Novembro de 2023 marca o encerramento das comemorações dos 500 anos das Romarias Quaresmais com a presença do Bispo de Angra, Dom Armando Esteves Domingues e da Presidente da Câmara Municipal da Lagoa. (Cf. Anexo II/6 - Outra Documentação, nº09 : *Encerramento do programa comemorativo dos 500 Anos das Romarias Quaresmais*). Este evento é realizado no Convento de Santo António, na Lagoa e inicia-se com o Painel “A Voz do Romeiro” através de testemunhos de antigos e jovens romeiros, seguindo-se a entrega de uma lembrança ilustrativa das Comemorações dos 500 anos a todos os ranchos de romeiros e uma comunicação intitulada “Ave Maria dos Romeiros de S. Miguel : a música na caminhada da Quaresma” por Ana Carvalho. (Cf. Anexo II/6 - Outra Documentação, nº10 : *Programa comemorativo dos 500 Anos das Romarias Quaresmais*).

II. DOCUMENTAÇÃO

10. Bibliografia

GERAL

CORDEIRO, Pe António. *História Insulana das ilhas a Portugal sugeytas no Oceano Occidental*. Lisboa : Região Autónoma dos Açores, Secretaria Regional da Educação e Cultura, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1981, 528 p.

CORDEIRO, Carlos. Na senda da identidade açoriana, In *Anais do Simpósio Comemorativo ao cinquentenário do 1º Congresso de História Catarinense e 250 anos da presença açoriana em Santa Catarina 8-9/09/1998*. Florianópolis : Instituto Histórico e geográfico de Santa Catarina, 1998. pp. 53-60.

_____ Identidade e autonomia : o debate nos Açores. (separata) In *Europa em mutação : cidadania, identidades, diversidade cultural*. Coimbra, 2003, pp.79-93.

CORTES-RODRIGUES, Armando. Cantar às almas. *Açoreana*, 1942, vol. III, nº 1, Angra do Heroísmo, pp. 17-35.

_____ *Cancioneiro geral dos Açores*. vol. I, Angra do Heroísmo : Secretaria Regional da Educação e Cultura, Direção Regional dos Assuntos Culturais, 1982. 470 p.

- COSTA, Susana Goulart. *Viver e Morrer religiosamente, Ilha de São Miguel século XVIII*. Ponta Delgada : Universidade dos Açores, Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais, vol. I, 356 p. Th. doct. : Ponta Delgada : 2003.
- DIAS, Urbano de Mendonça. *A Vida de nossos Avós*. Vila Franca do Campo : Tipografia A Crença, vol. V, 1946. 232 p.
- DIONISIO, Manuel. *Costumes Açoreanos*. Horta : Tip. de O telegrafo, 1937. 131 p.
- DURAND, Gilbert. Iconographie et symbolique du St Esprit. In Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira. vol. XLIII, Angra do Heroísmo, 1985. pp 37-53.
- ENES, Maria Fernanda Diniz Teixeira. Um aspecto da luta contra o sincretismo da cultura oral : a mulher, a noite e o sagrado nos Açores durante a época moderna. *Revista de História das Ideias*. 8, Coimbra, 1986. pp. 71-109.
- FRUTUOSO, Gaspar. *Saudades da Terra*. Livro IV, vol. II. Ponta Delgada : Edição do Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1981. 397 p.
- _____ *Saudades da Terra*. Livro VI. 2ª edição. Ponta Delgada : Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1978. 432 p.
- LEAL, João. *As Festas do Espírito Santo nos Açores : um estudo de antropologia social*. 1ª ed. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1994. 319 p.
- _____ Açorianidade : literatura, política, etnografia.(1880-1940). *Etnográfica*, 1997. Vol. I, nº1, pp. 191-211.
- MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. *Festas Populares dos Açores*. Lisboa : Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1985. 398 p.
- MEDEIROS, Octávio Ribeiro de. *A minha casa é a minha igreja*. Ponta Delgada : Nova Gráfica Lda., Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1995.
- _____ *Os trilhos da Fé: práticas e representações religiosas na ilha de São Miguel*. Ponta Delgada : Instituto Cultural de Ponta Delgada, Nova Gráfica Lda., 2004. 517 p.
- MELO, José Maria P. Ferreira (dir.). *A Vila e o Concelho da Lagoa*. Ponta Delgada : Publiçor, 2001. 316 p.
- RIBEIRO, Luís Silva. *Subsídios para um ensaio sobre a Açorianidade*. Angra do Heroísmo : Instituto Açoriano de Cultura, 1964. 182 p. Coll. Insula.
- SERPA, Caetano Valadão. *A Gente dos Açores – Identificação, emigração e religiosidade ; séculos XVI – XX*. Lisboa : Ed. Prelo, 1978. 229 p.

FERREIRA, Francisco Melo. Breves Notas sobre a Tradição. In Guerreiro, Manuel Viegas *Revista Lusitana (Nova Série)*. 15, Lisboa : Centro de Tradições Populares Portuguesas e edições Colibri, Universidade de Lisboa, 1996. pp. 81-91.

FUNK, Gabriela (coord.). *Estudos sobre Património Oral*. Ponta Delgada : Câmara Municipal de Ponta Delgada. 405 p.

HOBBSAWN, Eric ; RANGER, Terence. *L'invention de la tradition*. Vivier, Christine (trad.) Paris : Editions Amsterdam, 2006. 370 p.

HOBBSAWN, Eric. Introduction : Inventer des traditions. In Hobsbawn, Eric ; Ranger, Terence. *L'Invention de la Tradition*. Vivier, Christine (trad.) Paris : Editions Amsterdam, 2006. pp. 11-25.

LEMAIRE, Ria. Passado-Presente e Passado Perdido : transitar entre a oralidade e a escrita. *Letterature d'America*. Directeur responsable : Ettore Finnazi-Agrò. Roma : Tipografia Domograf, Ano XXII, 2002, n° 92, pp. 83-121.

_____ L'acte ritualisé, efficace et juste d'énonciation – oralité et témoignage. In Gaudard, François-Charles ; Suárez, Modesta. *Formes discursives du Témoignage*. Toulouse : Editions Universitaires du sud, 2004. pp. 125-141.

_____ Des corps qui font foi aux corps suspects : Historiciser les notions de Témoignage et de Corps. In Perrin, Claire. *Corps et Témoignage*. Caen : PUC, Université de Caen Basse-Normandie, 2006. pp. 20-31.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita*. Enid Abreu Dobránszky (trad.). Campinas, SP : Papirus, 1998. 223 p.

NORA, Pierre (dir.). *Les lieux de mémoire*. Paris : Gallimard, Paris, 1997. 223 p.

ROUSSEL, Romain. *Les pèlerinages*. Paris : PUF, 1956. 120 p. Coll. Que sais-je ?

SIGAL, Pierre Andre. *Les marcheurs de Dieu*. Ligugé : Uprisme, Aubin, 1974. 160 p.

SIKE, Yvonne de (dir.). *Fêtes et croyances populaires en Europe au fil des saisons*. Paris : Bordas, 1994. 207 p.

ZUMTHOR, Paul. *Introduction à la poésie orale*. Paris : éd. du Seuil, 1983. 313 p.

AS ROMARIAS QUARESMAIS

AMARAL, Maria Regina A. de Carvalho ; FREITAS, Maria Antónia P. Coelho. *Indice das Variedades Açorianas (coligidas por José de Torres)*. Ponta Delgada : Secretaria

Regional de Educação e Cultura, Direção Regional dos Assuntos Culturais, 1992. 237 p.

ARQUIVO DOS AÇORES. *Subversão de Villa Franca do Campo*. Edição facsimilada da edição original (1878-1959), vol. I, Ponta Delgada : Instituto Universitário dos Açores, 1980. pp. 270-282.

_____ Anno de 1652. Erupção do Pico de João Ramos, na ilha de São Miguel. Vol. III, Ponta Delgada, 1981. pp. 340-341.

ATHAIDE, Luís Bernardo Leite de. *A Voz da Terra*. In *A Nossa Gente*. Ponta Delgada : Tipografia Diário dos Açores, 1935. 191 p.

BRAGA, Theophilo. *Romanceiro Geral*. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1867. 216 p.

_____ *O povo portuguez nos seus costumes, crenças e tradições*. Vol II, Lisboa : Livraria Ferreira-Editora, 1885. 546 p.

_____ *Cantos Populares do Arquipélago Açoriano*. Ponta Delgada : Direção Regional dos Assuntos Culturais da Secretaria de Estado da Educação e Cultura do Governo dos Açores, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1982. 502 p.

BRUM, Angela Furtado. *Açores, lendas e outras histórias*. Ponta Delgada : Ribeiro e Caravana Ed. 1999. 293 p.

CAMARA, J. M. Bettencourt da. *Para a Sociologia da Música Tradicional Açoriana*. Lisboa : Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984. 110 p.

CARVALHO, Ana Maria Pimentel Gonçalves, Dissertação de mestrado em Ciências Musicais – variante Etnomusicologia “Romeiros de São Miguel: A música na caminhada da Quaresma”, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2012, 114 p.

CHAGAS, Frei Diogo das. *Espelho Cristalino em Jardim de várias flores*. Ponta Delgada : Secretaria Regional da Educação e Cultura, Direção Regional dos Assuntos Culturais e da Universidade dos Açores, Centro de Estudos Gaspar Frutuoso, 1989. 731 p.

CHAVES MELLO, Francisco Affonso de. *Margarita Animada idea moral, política & histórica de três Estados discursada na vida da Venerável Margarida de Chaves natural da cidade de Ponta Delgada da Ilha de São Miguel com a descrição da mesma ilha...*, Lisboa : Lisboa Occidental, 1722. 368 p.

CORRÊA, António de Albuquerque Jácome, *O convento da Caloura*. Lagoa : Câmara Municipal do Concelho da Lagoa, 2000. 182 p.

COSTA, Francisco Carreiro da. *Religiosidade do povo açoriano através do seu folclore*. (separata) Ponta Delgada : Universidade dos Açores, 1961. 23 p.

_____ *Etnologia dos Açores*. vol. I, Lagoa : Câmara Municipal da Lagoa, 1989. 420 p.

COSTA, Susana Goulart. Devoção e devotos : o caso da Ilha de São Miguel no decurso do povoamento insular séculos XV-XVI. In *Piedade popular*. Lisboa : Terramar, 1999. pp. 147-160.

_____ Visitas Pastorais na Paróquia do Faial da Terra: apontamentos para o estudo das religiosidades de Antigo Regime: 1698-1765. *Arquipélago*, 1999, 2ª série, vol. III, Ponta Delgada : Universidade dos Açores, pp 65-118.

CORTES-RODRIGUES, Armando. *O Milhafre Peça Regional em Três Actos*. Angra do Heroísmo : Ed. da Livraria Editora Andrade, 1933, 122 p.

_____ *Voz de Longe*. vol. II, Ponta Delgada : Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1974. 452 p.

COUTINHO, Alexandre, et al. *A Irmandade dos Romeiros*. Estoril : Lucerna, 2006. 159 p.

DIAS, José Maria Teixeira ; SARAIVA Alvaro. 1987, *Romeiros Peregrinos de Hoje*. Ponta Delgada : Ed. dos Autores, 1987. 52 p.

DIAS, Urbano de Mendonça. *A Vila*. vol. IV, Ponta Delgada : A Crença, [s.d]. 202 p.

DIAS, Urbano de Mendonça. *A Vida de nossos Avós*. Vila Franca do Campo : Tipografia A Crença, vol. IV, 1944.

_____ *História das igrejas, conventos e ermidas micalenses – igrejas, conventos e ermidas do Concelho de Vila Franca do Campo*. vol. I, Vila Franca do Campo : Tip. A Crença, 1949. 278 p.

_____ *História das igrejas, conventos e ermidas micalenses – igrejas, conventos e ermidas do Concelho de Vila Franca do Campo*. vol. II, Vila Franca do Campo : Tip. A Crença, 1949. 264 p.

_____ *História das igrejas, conventos e ermidas micalenses – igrejas, conventos e ermidas do Concelho de Vila Franca do Campo*. vol. III, Vila Franca do Campo : Tip. A Crença, 1950. 304 p.

DIOCESE DE ANGRA. Regulamento dos Romeiros de São Miguel : Natureza e Fins dos Romeiros. In *Boletim Eclesiástico dos Açores*. Janeiro – Dezembro 1962, nº816, Angra : União Gráfica Angrense, pp. 38-47.

_____ *Regulamento dos Romeiros da Ilha de São Miguel-Açores*. 1989. 10 p.

- _____ *Romeiros de São Miguel - Regulamento*. 2003. 50 p.
- _____ *Regulamento das Romarias Quaresmais de S. Miguel*. 2017. 30 p.
- DIREÇÃO ESCOLAR DE PONTA DELGADA. *Romeiros de São Miguel, 1534-1984 Nos 450 anos da Diocese de Angra e Ilhas dos Açores*. Ponta Delgada, 1985.
- ENES, Maria Fernanda Dinis Teixeira. *As Visitas Pastorais da Matriz de São Sebastião de Ponta Delgada (1674-1739)*. Ponta Delgada : Secretaria Regional de Educação e Cultura, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 1987. 287 p.
- FERNANDES, Laurénio. *Como cantam e rezam os Romeiros na ilha de S. Miguel*. 35 p.
- FERREIRA, Padre Ernesto. *As Romarias Quaresmais na ilha de Sam Miguel. Sua origem e Antiguidade*. Vila Franca do Campo : Tip. de O Autónimo, 1942. 16 p.
- _____ *Romeiros*. In *A Alma do Povo Micaelense*. 2ª ed. Vila Franca do Campo : Editorial Ilha Nova, Câmara Municipal de Vila Franca do Campo, 1927. pp. 135-141.
- FRUTUOSO, Gaspar. *Saudades da Terra* Livro primeiro. Ponta Delgada : Instituto Cultural de Ponta Delgada, Gráfica Açoreana, 1984. 354 p.
- _____ *Saudades da Terra*. Livro IV, vol. III. Ponta Delgada : Edição do Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1985. 461 p.
- GALHOZ, Maria Alice. *Preces à Chuva / Orações contra as trovoadas*. Algumas nótulas a partir de um acervo de Olímpia, Brasil. In Guerreiro, Manuel Viegas *Revista Lusitana (Nova Série)*. 15, Lisboa : Centro de Tradições Populares Portuguesas e edições Colibri, Universidade de Lisboa, 1996. pp. 111-121.
- GUERREIRO, Manuel Viegas. *Tradição Oral e Identidade Cultural Regional*. Textos de Camponeses de Querença. FERREIRA, Francisco Melo. *Breves Notas sobre a Tradição*. In Guerreiro, Manuel Viegas *Revista Lusitana (Nova Série)*. 15, Lisboa : Centro de Tradições Populares Portuguesas e edições Colibri, Universidade de Lisboa, 1996. pp. 9-12.
- GOMES, Maria Luísa Ataíde da Costa. *Trajos regionais micaelenses*. *Insulana*, 1955, 1º semestre, vol. XI, Ponta Delgada : Orgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada, pp 113-133.
- GONÇALVES, João Homem. *Epítome tirado d'uma breve Relação feita pelo licenciado João Gonçalves Homem ; cidadão da cidade de Ponta Delgada e nella morador, do que succedeo n'esta Ilha de S. Miguel e se vio nesta dita cidade no mez de Setembro passado do anno de 1630*. In *Arquivo dos Açores*. Edição facsimilada da edição

original (1878-1959), vol. II, Ponta Delgada : Instituto Universitário dos Açores, 1980. pp. 536-541.

GONÇALVES, Padre Manoel. Lembrança á cerca d'esta erupção feita pelo P.^e Manoel Gonçalves. Jesuita, do Collegio de Ponta Delgada. In *dos Açores*. Edição facsimilada da edição original (1878-1959), Vol. II, Ponta Delgada : Instituto Universitário dos Açores, 1980. pp. 543-547.

LEAL, João. Romarias Quaresmais de São Miguel : Margem e ciclo anual num contexto português. In *Assimetria social e inversão*. Lisboa : Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos de Etnologia, 1993. pp. 165 - 182.

LEITE, João Emanuel Cabral. *Estrangeiros nos Açores no século XIX Antologia*. Lisboa : Eurosigno Publicações Lda., 1991. 220 p.

MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca lusitana : história, crítica e cronologia*. Tomo I, Coimbra : Atlântida Editora, 1965. p. 328.

MALDONADO, Pe Manuel Luís. *Fénix Angrense*. vol. I, Angra do Heroísmo : Instituto Histórico da Ilha Terceira, 1989. 497 p.

_____ *Fénix Angrense*. vol. II, Angra do Heroísmo : Instituto Histórico da Ilha Terceira, 1990. 717 p.

MATOS, Artur Teodoro de. Prefácio. In Chagas, Frei Diogo das. *Espelho Cristalino em Jardim de várias flores*. Ponta Delgada : Secretaria Regional da Educação e Cultura, Direção Regional dos Assuntos Culturais e da Universidade dos Açores, Centro de Estudos Gaspar Frutuoso, 1989. pp. 7-22.

MENDONÇA, Maria. *A Personalidade multifacetada do jornalista Manuel Inácio de Melo*. 2^a ed. Nordeste : Câmara Municipal do Nordeste, 1990. 23 p.

MONTE ALVERNE, Frei Agostinho. *Crónicas da Provincia de S. João Evangelista das Ilhas dos Açores*. vol. I, Ponta Delgada : Edição do Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1960. 145 p.

_____ *Crónicas da Provincia de S. João Evangelista das Ilhas dos Açores*. vol. II, Ponta Delgada : Edição do Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1961. 520 p.

_____ *Crónicas da Provincia de S. João Evangelista das Ilhas dos Açores*. vol. III, Ponta Delgada : Edição do Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1962.

PACHECO, P^e José Francisco Correia. *Religiosidade Popular na Ilha de São Miguel Subsídios para o seu estudo*. Lisboa : Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Teologia, 197 p. (licenciatura) : 1995.

- _____ *Religiosidade Popular na Ilha de S. Miguel, Açores: Crescimento e Aprofundamento da Fé.* Faculdade de Teologia, Lisboa : Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Teologia, 178 p. (Mestrado), 1997.
- PEREIRA, José Augusto. *As missões do Padre Rademaker.* Angra do heroísmo : União Gráfica Angrense, 1956. 66 p.
- PEREIRA, Rodrigo Álvares. *Esboço Histórico do Batalhão de Caçadores n.º 11 mais tarde Regimento de Caçadores n.º 11 e depois Regimento de Infantaria n.º 26.* Ponta Delgada : Oficinas de Artes Gráficas, 1927. 253 p.
- PONTE, Carmen. *Romeiros de São Miguel. Entre tradition et innovation. De l'oralité au texte écrit.* Dissertação de Doutoramento em Lettres et Langues, Cultura Portuguesa, Poitiers, Universidade de Poitiers, Universidade dos Açores, 2007. 406 p. (e um DVD com anexos).
- _____ “Séculos de penitência nos trilhos de São Miguel.” *Jornal de Notícias História.* N°2, Fevereiro 2016, pp. 35-47.
- _____ “Entre rapports de force et passation de pouvoirs : de la marginalisation à la reconnaissance d’une tradition açorienne.” In Huftier, Arnaud ; Parsis-Barube, Odile (Dir.), *Pouvoir(s) : expressions et représentations*, Collection - - “Pratiques (et représentations)”, Valenciennes : PUV, 2016, pp. 131-144.
- _____ “A questão do género nas Romarias Quaresmais de São Miguel”. In Simas, R. (Coord), *A Vez e a Voz da Mulher: Relações e Migrações*, Lisboa: Edições Colibri, 2014, pp. 139-152.
- _____ “Defesa, recuperação e valorização do património artístico e cultural como processo de “construção” e afirmação identitárias: o exemplo dos Açores.” In Atas do I Congresso Anual de História Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2012, pp. 22-36.
- _____ “Ao encontro das tradições orais na prática Romeiros de São Miguel.” In Funk, Gabriela, *Estudos sobre Património Oral*, Ponta Delgada : Câmara Municipal de Ponta Delgada, 2007, pp. 145-170.
- _____ “Le témoignage corporel dans l'exemple du pèlerinage Romeiros de São Miguel.” In Perrin, Claire, *Corps et Témoignage*, Caen : PUC, Université de Caen Basse-Normandie, 2006, pp. 65-79.
- _____ “O testemunho dos viajantes Romeiros de São Miguel. A mulher e o homem no exemplo da romaria.” In Moreno, Fernando ; Josserand, Sylvie ; Colla, Fernando (ed.), *Fronteras de la literatura y de la crítica*, Poitiers, CRLA-Archivos/ IILLI, 2006, 50 p. O conjunto de comunicações encontram-se reunidas num CD-Rom.

_____ “Romeiros de São Miguel : tradition et innovation.” In Jean-Philippe Husson, *Escritural Écritures d’Amérique latine*, nº2, CRLA-Archivos, Université de Poitiers, 2010, pp. 374-404. (revue en ligne : <http://www.escritural.eu/>)

PONTE, P^e Pedro da. Notícia da mesma erupção pelo Padre Pedro da Ponte, Cura da freguesia de N. Senhora do Rosario da Villa da Lagoa. In *Arquivo dos Açores*. Edição facsimilada da edição original (1878-1959), vol. II. Ponta Delgada : Instituto Universitário dos Açores, 1980. pp 541-543.

RODRIGUES, João Bernardo de Oliveira. Notícia Biográfica do Dr. Gaspar Frutuoso. In Frutuoso Gaspar. *Saudades da Terra* Livro primeiro. Ponta Delgada : Instituto Cultural de Ponta Delgada, Gráfica Açoreana, 1984. p. 15-80.

_____ Breve notícia sobre Fr. Agostinho de Monte Alverne e o seu manuscrito. In Monte Alverne, Frei Agostinho. *Crónicas da Provincia de S. João Evangelista das Ilhas dos Açores*. vol. I, Ponta Delgada : Edição do Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1960. pp. 22-46

Romarias Coleção I : Orações e Cânticos Antigos. [Recolha de cânticos e orações], [s.d., s.n.], 275 p.

SUPICO, Francisco Maria. Romeiros e Romagens. In *Escavações*. Vol. I, Ponta Delgada : Instituto Cultural de Ponta Delgada, Coingra, Lda., 1995. pp. 58-59.

TABICO, António. *Romeiros A Fé de um Povo*. Canadá : Associação Luso-Canadiana, 2003. 140 p.

TELO, António José. *Os Açores e o Controlo do Atlântico*. Porto : ASA, 557 p.

VIEIRA, Carlos Manuel Bolarinho. *Diário de uma Romaria, Rancho de Romeiros da Matriz de São Miguel Arcanjo*. Vila Franca do Campo: Câmara Municipal de Vila Franca do Campo, Nova Gráfica Lda., 2004. 191 p.

_____ *Romeiros de São Miguel Arcanjo – 500 Anos de História*. Vila Franca do Campo: Câmara Municipal de Vila Franca do Campo, Nova Gráfica Lda., 2022. 228 p.

WEBSTER, John W. Religiosidade e Superstição. In Leite, João Emanuel Cabral. *Estrangeiros nos Açores no século XIX Antologia*. Lisboa : Eurosigno Publicações Lda., 1991. pp. 183-185.

11. FONTES ESCRITAS

Ver Anexo II / 5 – Fontes escritas

FONTES MANUSCRITAS

A.P. de Nossa Senhora da Estrela da Ribeira Grande. *Livro de Visitas* (1576-1634).

A.P. de Nossa Senhora da Estrela da Ribeira Grande. *Livro de Visitas* (1788-1826).

A.P. de Nossa Senhora da Estrela da Ribeira Grande. *Livro de Visitas* (1828-1859).

A.P. de Nossa Senhora da Estrela da Ribeira Grande. *Livro de Visitas* (1860-1871)

A. P. de Nossa Senhora da Estrela, *Livro do tombo da Matriz de Nossa Senhora da Estrela da Vila da Ribeira Grande* (1695-1876).

A.P. de Nossa Senhora do Rosário da Lagoa, *Livro de Visitas* (1600-1743).

A.P. de Nossa Senhora do Rosário da Lagoa. *Livro de Visitas* (1744-1809).

A.P.I. São Miguel Arcanjo de Vila Franca do Campo. *Livro de Visitas* (1674-1770).

A.P.I. São Miguel Arcanjo de Vila Franca do Campo. *Livro de Visitas* (1770-1827).

B.P.A.R.P.D. *Livro de Visitas pastorais*. [manuscrito], (Fólios numerados e rubricados pelo Padre António de Medeiros Macedo). Bretanha, Açores, 1753-1819.

COSTA, Francisco Carreiro da. *Palestras Radiofónicas*. Série manuscrita, [S.l. : s.n. : s.d.], 76 p.

Fundo do Governo Civil de Ponta Delgada, *Livro de Registo de Licenças para Actos Religiosos passados por este Governo Civil, 2ª Repartição*, Livro nº 367, 1913-1919 (06/02/1913-08/04/1919). 50 fls.

FUNDO ERNESTO DO CANTO. *Documentos avulsos, alvarás, cartas, provisões régias, atestados, certidões, autos, protestos, casais que foram do Faial para o Pará (1777), juramentos, quitações, cartas, bulas, dotes, padroados de conventos, doações, demarcações, posturas, darroteiros, textos literários, descrições de fenómenos naturais, projectos, sentenças, testamentos, assento de pessoas falecidas, relações de festejos*. [série manuscrita], nº188, 1 vol., 1449-1646.

_____ *Tremores de terra e vulcões de fogo nesta ilha : descrição*. [série manuscrita], nº 154, 1 vol., 1563-1707.

_____ *Bispado de Angra : pastorais, editais*. [série manuscrita], nº41, 1 vol., 1744-1861.

FUNDO JOSÉ DE TORRES. Padre Manuel Gonçalves, Lembranças dos terremotos de 2 de Setembro de 1630. In *Variedades Açorianas*. [série manuscrita], tomo I, pp. 87-91.

_____ Advertências Pastorais : Visitas à Matriz de S. Jorge em Nordeste, de Setembro de 1705 a Outubro de 1811. In *Variedades Açorianas*. [série manuscrita], tomo III, pp. 67-95.

_____ Visitas pastorais à igreja de S. Pedro de Nordeste, desde Maio de 1693 até Novembro de 1811. In *Variedades Açorianas*. [série manuscrita], tomo. III, pp. 103-148.

_____ Ermida da Senhora das Dores. In *Variedades Açorianas*. [série manuscrita], tomo IV, pp. 73-73v.

_____ Improvisadores Populares em S. Miguel. In *Variedades Açorianas*. [série manuscrita], tomo IV, p. 152.

_____ Corographia Insulana, da descrição topographica das ilhas dos Açores. In *Variedades Açorianas*. [série manuscrita], tomo VII, pp. 1-69.

_____ Usos e costumes dos habitantes. In *Variedades Açorianas*. [série manuscrita], tomo X, pp. 58v-63v.

_____ Tremores de terra – 30 de Outubro de 1848 e seg. In *Variedades Açorianas*. [série manuscrita], tomo XII, pp. 119-126.

_____ Tremores de terra na Ilha de S. Miguel. In *Variedades Açorianas*. [série manuscrita], tomo XII, p. 126.

_____ Procissões. In *Variedades Açorianas*. [série manuscrita], tomo XIII, pp. 13-13v.

_____ Procissões. In *Variedades Açorianas*. [série manuscrita], tomo XIII, pp. 27-27v.

_____ Procissões. In *Variedades Açorianas*. [série manuscrita], tomo XIII, pp. 30-30v.

_____ Procissões. In *Variedades Açorianas*. [série manuscrita], tomo XIII, pp. 34-34v.

_____ Procissões. In *Variedades Açorianas*. [série manuscrita], tomo XIII, p. 81.

_____ O Philologo, Jornal da Sociedade Escholastico Michaelense. In *Variedades Açorianas* [série manuscrita]. vol. 1, Janeiro 1-1844, pp. 13-14.

PURIFICAÇÃO, Manoel da. Purificação, Congregação dos Eremitas de Nossa Senhora da Consolação, Vale das Furnas : principios [...]. In *Fundo Ernesto do Canto* (série manuscrita). 1 vol., n°44, 1665. pp. 152-153.

IMPrensa: ARTIGOS DE JORNAIS

Açoreano Oriental. Ano 128, n° 6593, 16/03/1963, Ponta Delgada, 4 p.

_____ Ano 129, nº 6648, 04/04/1964, Ponta Delgada, 16 p.

_____ Ano 130º, 02/05/1964, Ponta Delgada, 4 p.

_____ Ano CLXX, nº 15267, 10/02/2005, Ponta Delgada, 40 p.

_____ Ano CLXX, nº 15290, 05/03/2005, Ponta Delgada, 48 p.

A Crença. Ano XI, nº 493, 21/03/1926, Vila Franca do Campo, 4. p.

_____ Ano XIV, nº 683, 10/03/1929, Vila Franca do Campo, 4 p.

_____ Ano XV, nº 698, 23/03/1930, Vila Franca do Campo, 4 p.

_____ Ano XVII, nº 787, 21/02/1932, Vila Franca do Campo, 4 p.

_____ Ano XXI, nº 997, 15/03/1936, Vila Franca do Campo, 4 p.

_____ Ano XXIII, nº 1099, 06/03/1938, Vila Franca do Campo, 4 p.

_____ Ano XXIII, nº 1101, 20/03/1938, Vila Franca do Campo, 4 p.

_____ Ano XXIV, nº 1156, 09/04/1939, Vila Franca do Campo, 4 p.

_____ Ano XXV, nº 1210, 21/04/1940, Vila Franca do Campo, 4 p.

_____ Ano XXVII, nº 1313, 12/04/1942, Vila Franca do Campo, 4 p.

_____ Ano XXX, nº 1467, 15/04/1945, Vila Franca do Campo, 4 p.

_____ Ano XXXII, nº 1566, 27/04/1947, Vila Franca do Campo, 4 p.

_____ Ano XXXIV, nº 1673, 20/03/1949, Vila Franca do Campo, 4 p.

_____ Ano 46º, nº2303, 09/04/1961, Vila Franca do Campo, 4 p.

A Ilha. Anno X, nº 1.037, 9/02/1952, Ponta Delgada : Arte Gráficas, 4 p.

_____ Anno X, nº 1.046, 12/04/1952, Ponta Delgada : Arte Gráficas, 4 p.

AUGUSTO, Humberta. Tradição reactivada. Romeiros da Terceira. *Saber*, Abril 2007, Ponta Delgada, pp. 34-35.

ATHAIDE, Luiz Bernardo Leite. Romeiros Micaelenses da Actualidade. *A Ilha*, Sabado, 09/02/1952, Anno X, nº 1.037, Ponta Delgada : Arte Gráficas, pp. 1-3.

AVLIS, J. Agua de Pau – O Convento da Caloura, como centro ou escola das Romarias Quaresmais que chegaram até aos nossos dias. *Diário dos Açores*, 11/01/1969, Ano 99, nº26.895, Ponta Delgada, pp. 1-3.

BARBOSA, Ana Paula. O sentir do Romeiro. *Açoriano Oriental*, 19/03/2005, Ano CLXX, nº 15304, Ponta Delgada, p. 9.

BOTELHO, José Jacinto. Ave-Maria. *A Crença*, 30/04/1916, Ano I, nº 20, Vila Franca do Campo, p. 3.

_____ Romarias Quaresmais. *A Crença*, 22/03/1936, Ano XXI, nº998, Vila Franca do Campo, pp. 2-3.

_____ Romeiros. *A Crença*, 22/03/1937, Ano XXII, nº1053, Vila Franca do Campo, p. 2.

_____ Romeiros ! Romeiros ! *A Crença*, 06/03/1938, Ano XXIII, nº 1099, p. 2.

_____ Romarias Quaresmais Carta aberta ao Rev. Padre Ernesto Ferreira. *A Crença*, 01/02/1942, Ano XXVII, nº 1303, p. 2.

CABRAL, Jorge do Nascimento. O tempo das coisas ... A penitência dos Romeiros. *Diário dos Açores*, 27/03/2005, Ano 136, nº 37641, Ponta Delgada, p. 6.

CABRAL, Padre Luís Cabral. A Quaresma e uma das nossas tradições. *A Crença*, 09/03/1947, Ano XXXII, nº 1566, Vila Franca do Campo, p. 2.

CARVALHO, Ruy Galvão de. O Santo tempo da Quaresma na poesia açoriana. *Açoriano Oriental*, 29/02/1964, Ponta Delgada, p. 4.

CASTANHO, Graça. Para quando mulheres nas romarias ? *Saber Açores*, Março 2003, Ano IV, nº 40, pp. 27-28.

COELHO, Ana. Pequenos Romeiros com grande devoção. *Correio dos Açores*, 29/02/2004, Ano 84, nº 24644, Ponta Delgada, p.22.

CAMARA, Nélia. 'Aflições levam mulheres a ir em romaria pela ilha', in *Diário dos Açores*, 08/03/2005, Ano 136, nº37.625, Ponta Delgada, p. 3.

Correio dos Açores. Ano XV, nº 4.302, 21/03/1935, Ponta Delgada, 4 p.

_____ Ano XXXVIII, nº 11093, 11/04/1958, Ponta Delgada, 4 p.

_____ Ano 84, nº 24667, 27/03/2004, Ponta Delgada, 28 p.

_____ Ano 85, nº 24966, 22/03/2005, Ponta Delgada, 28 p.

- _____ Ano 85, nº 24970, 27/03/2005, Ponta Delgada, 40 p.
- COSTA, Francisco Carreiro da. Algumas Tradições Quaresmais Açorianas. *A Ilha*, 22/03/1952, Ano X, nº 1.043, Ponta Delgada : Arte Gráficas, pp. 1-3.
- Diário dos Açores*. Ano 100, nº26.940, 06/03/1969, Ponta Delgada, 4 p.
- _____ Ano 107, nº29.072, 30/04/1976, Ponta Delgada, 4 p.
- FERREIRA, Nuno. São Miguel Os pagadores de promessas. *Público magazine*, 28/03/1992, p. 25.
- FERREIRA, Padre Ernesto. Romeiros. *A Crença*, 29/02/1920, Ano V, nº 214, Vila Franca do Campo, p. 2.
- _____ Os Romeiros. *A Crença*, 19/02/1939, Ano XXIV, nº 1149, Vila Franca do Campo, p. 2.
- _____ Romarias Quaresmais Resposta ao Rev. Padre José Botelho. *A Crença*, 08/02/1942, Ano XXVII, nº 1304, Vila Franca do Campo, p. 2.
- Frei Diogo. Romarias Não ! Não ! e Não ! *A Crença*, 22/03/1942, Ano XXVII, nº 1310, Vila Franca do Campo, p.2.
- _____ Romeiros !Romeiros ! *A Crença*, 04/04/1943, Ano XXVIII, nº 1362, Vila Franca do Campo, p.2.
- FURTADO, Márcia. Caminhada de Fé. *Factos Magazine*, Março 2007, Ponta Delgada : ISL, pp 18-22.
- LALANDA, Piedade. Rumar, remar, romaria. *Açoriano Oriental*, 14/03/2005, Ano CLXX, nº 15299, Ponta Delgada, p. 17.
- MELO, Manuel Inácio de. Evocando Tradições Romeiros. *Correio dos Açores*, 18/03/1958, Ano XXXVIII, nº 11076, Ponta Delgada, pp. 1-2.
- _____ Chegou a Quaresma e com ela os Romeiros. *Correio dos Açores*, 11/02/1959, Ano XXXIX, nº 11339, Ponta Delgada, p. 1.
- _____ 1616 Romeiros passaram através da nossa ilha cantando a Avé-Maria na Quaresma que findou. *Correio dos Açores*, 24/04/1960, Ano XL, nº 11687, Ponta Delgada, pp. 1-2.
- _____ Romeiros – 1ª Etapa – Concelho do Nordeste. *Correio dos Açores*, 08/04/1961, Ano XLI, nº 11967, Ponta Delgada, pp. 1-2.

- _____ Romeiros - 2ª Etapa – Pedreira – Ribeira Quente. *Correio dos Açores*, 11/04/1961, Ano XLI, nº 11969, Ponta Delgada, p. 1.
- _____ Romeiros – 3ª Etapa – Ribeira Quente – Sta Cruz da Lagoa. *Correio dos Açores*, 18/04/1961, Ano XLI, nº 11975, Ponta Delgada, p. 1.
- _____ Romeiros - 4ª Etapa – Lagoa – Piedade (Arrifes). *Correio dos Açores*, 22/04/1961, Ano XLI, nº 11979, Ponta Delgada, p. 1.
- _____ Romeiros – 5ª Etapa – Piedade – Mosteiros. *Correio dos Açores*, 27/04/1961, Ano XLI, nº 11983, Ponta Delgada, p. 1.
- _____ Romeiros - 6ª Etapa – Mosteiros – São Vicente. *Correio dos Açores*, 04/05/1961, Ano XLII, nº 11989, Ponta Delgada, p. 1.
- _____ Romeiros – 7ª Etapa – São Vicente – Ribeirinha. *Correio dos Açores*, 13/05/1961, Ano XLII, nº 11995, Ponta Delgada, p. 1.
- _____ Romeiros - 8ª Etapa – Ribeirinha – Salga. *Correio dos Açores*, 17/05/1961, Ano XLII, nº 11998, Ponta Delgada, p. 1.
- _____ Romeiros de São Miguel Notas diversas das Romarias através da Ilha. *Correio dos Açores*, 28/05/1961, Ano XLII, nº 12001, Ponta Delgada, pp. 1-2.
- _____ Romeiros de São Miguel. *Correio dos Açores*, 09/06/1961, Ano XLII, nº 12016, Ponta Delgada, p. 1.
- _____ Romeiros atingiram o numero 2379 em 41 ranchos na quaresma que findou. *Correio dos Açores*, 02/05/1962, Ano XLIII, nº 12279, Ponta Delgada, pp. 1-2.
- _____ Percorrendo as Casas de Nossa senhora. *Açoriano Oriental*, 29/02/1964, Ano 129, Ponta Delgada, p. 4.
- _____ Ranchos de Romeiros Facilidades e Dificuldades na sua Organização. *Correio dos Açores*, 14/03/1965, Ano XLV, nº 13120, Ponta Delgada, p. 1.
- _____ Romeiros de Ponta Delgada. *Diário dos Açores*, 25/01/1966, Ano 96, nº 26030, Ponta Delgada, p. 1.
- _____ Romeiros Velha Tradição Micaelense. *Diário dos Açores*, 02/04/1969, Ano 100, nº 26.961, Ponta Delgada, p. 1.
- _____ Romeiros de São Miguel. *Diário dos Açores*, 15/04/1969, Ano 100, nº 26.970, Ponta Delgada, p. 3.

- _____ Romeiros saíram este ano 16 ranchos com 642 romeiros. *Diário dos Açores*, 07/04/1978, Ano 109, n° 29650, Ponta Delgada, p. 3
- _____ Romeiros saíram 16 ranchos com cerca de 600 romeiros. *Diário dos Açores*, 08/05/1981, Ano 112, n° 30566, Ponta Delgada, p. 3.
- _____ Romeiros. *O Autónimo*, 11/03/1939, Ano 41°, n° 1874, Vila Franca do Campo, p. 2.
- MONTEIRO, Eliseu. Romarias Femininas : um direito à igualdade, ou não ? *Diário dos Açores*, 01/04/2007, Ano 137, n° 38247, Ponta Delgada, p. 5.
- MORENO, António. Os Romeiros. *A Crença*, 24/03/1929, Ano XIV, n° 637, Vila Franca do Campo, p. 3.
- _____ Romeiros ! Romeiros ! Ao Padre Ernesto Ferreira. *A Crença*, 14/03/1937, Ano XXII, n° 1049, Vila Franca do Campo, p. 3.
- _____ Romeiros ! Romeiros ! Ao Dr. Ruy Galvão de Carvalho. *A Crença*, 27/03/1938, Ano XXVIII, n° 1102, Vila Franca do Campo, p. 3.
- _____ Romarias Retrospecto. *A Crença*, 10/03/1940, Ano XXV, n° 1204, Vila Franca do Campo, p. 3.
- _____ Romarias Senhora da Saudade. *A Crença*, 16/02/1941, Ano XXVI, n° 1253, Vila Franca do Campo, p. 3.
- _____ Romarias Eco. *A Crença*, 13/04/1941, Ano XXVI, n° 1261, Vila Franca do Campo, p. 3.
- _____ Romarias ! Romarias ! Encontro. *A Crença*, 15/03/1942, Ano XXVII, n° 1309, Vila Franca do Campo, p. 3.
- _____ Romaria. *A Crença*, 05/04/1942, Ano XXVII, n° 1312, Vila Franca do Campo, p. 3.
- _____ Romeiros. *A Crença*, 18/03/1945, Ano XXX, n° 1463, Vila Franca do Campo, p. 3.
- NARCISO, Santos. Falecimento do pai faz nascer um Romeiro que transforma a morte em vitória. *Correio dos Açores*, 27/03/2005, Ano 85, n° 24970, Ponta Delgada, pp. 16-17.
- _____ Um terço fez-me Romeiro. *Correio dos Açores*, 02/04/2006, Ano 87, Ponta Delgada, p. 14.

NOIA, Sara. Filho curado e promessas cumpridas. *Correio dos Açores*, 14/03/2004, Ano 84, n°24656, pp. 16-17.

O Autónimo. Ano 31, n° 1397, 09/03/1929, Vila Franca do Campo, 4 p.

_____ Ano 40°, n° 1844, 12/03/1938, Vila Franca do Campo, 4 p.

_____ Ano 41°, n° 1874, 11/03/1939, Vila Franca do Campo, 4 p.

O Preto no Branco. Anno II, n° 64, 18/03/1897, Ponta Delgada, 4 p.

SAN-BENTO, Oliveira. Voz da própria terra ... *Diário dos Açores*, 20/02/1969, Ano 100, n°26.928, Ponta Delgada, p. 2.

SILVA, Fernando da. Ser Romeiro. *Correio dos Açores*, 22/03/2005, Ano 85, n° 24966, Ponta Delgada, p. 9.

TAVARES, Padre João José. Nota Histórica Os Romeiros. *A Crença*, 21/03/1926, Ano XI, n° 493, Vila Franca do Campo, p. 3.

SITES INTERNET

Sites internet, blogs, links

- Página oficial do MRSM : <https://mromeirosm.pt/>

- Página da Romaria de Vila Franca Campo, Paróquia de São Miguel Arcanjo - Vila Franca do Campo: <https://romariavilafanca.webnode.pt/>

- Página do Rancho de Romeiros Ribeira Quente / Furnas : <https://romeiros-ribeiraquente.blogspot.com/>

- Romaria do rancho de romeiros da Conceição de Angra do Heroísmo na Terceira : <https://www.youtube.com/watch?v=zrBQYPpnhBs>

- Romaria quaresmal da Graciosa : <https://www.igrejaacores.pt/xix-romaria-quaresmal-da-graciosa/>

- Página do Rancho de Romeiros da Paróquia de São Sebastião - Matriz de Ponta Delgada : <https://www.facebook.com/ranchoromeirosaosebastiaomatrizpontadelgada/>

- Página do Rancho de Romeiros de Ponta Garça : <https://www.facebook.com/profile.php?id=100064809130328>

- Página do Rancho de Romeiros de Nossa Senhora da Estrela-Matriz da Ribeira Grande : <https://www.facebook.com/people/Rancho-de-Romeiros-de-Nossa-Senhora-da-Estrela-Matriz-da-Ribeira-Grande/100064653671302/>

- Romaria quaresmal de Santa Maria : <https://www.igrejaacores.pt/romaria-quaresmal-em-santa-maria/>
- Rancho de romeiros de S. Maria de Toronto, Canadá (26/02/2023) : <https://youtu.be/MvdsLGQkEK8>
- Romarias Infanto-Juvenis, Crianças participam em romaria (Vídeo) ; A Casa do Povo da Ribeira Grande organizou uma romaria para crianças : <https://acores.rtp.pt/sociedade/criancas-participam-em-romaria-video/>
- Romarias femininas da ilha de São Miguel e ilha Terceira : <https://www.igrejaacores.pt/romarias-no-feminino-ja-mexem-em-sao-miguel-e-na-terceira/>
- Telefilme « A Viagem » : <https://www.rtp.pt/programa/tv/p6655>
- Documentário “Irmãos” : <https://mromeirosm.pt/category/romarias-quaresmais-2015/>
- Exposição “Bordões e cevadeiras” no Museu do Franciscanismo : <https://www.acorianooriental.pt/noticia/bordoes-e-cevadeiras-em-exposicao-no-museu-do-franciscanismo>
- Exposição itinerante “Romeiros Símbolos e Tradições I” : <https://mromeirosm.pt/2016/01/04/movimento-inaugura-exposicao-itinerante-romeiros-simbolos-e-tradicoes-i/>
- Romeiros homenageados na Praça do Emigrante : <https://www.acorianooriental.pt/noticia/romeiros-homenageados-na-praca-do-emigrante-339824>
- Movimento de Romeiros de São Miguel assinala 500 anos de Romarias Quaresmais : <https://www.igrejaacores.pt/movimento-de-romeiros-de-sao-miguel-assinala-500-anos-de-romarias-quaresmais/>
- Reportagem O Caminho da Ilha Grande do programa *Linha da Frente* : <https://www.rtp.pt/play/p11145/e691231/linhada-frente>
- Peças de coleção de arte regional ligada às romarias : https://ccmuseus.azores.gov.pt/index.php/MultiSearch/Index/row_id/70054/search/romeiro
- Casa do Romeiro (inauguração a 17 de maio de 2017) : <https://diariodalagoa.pt/lagoa-inaugura-casa-do-romeiro/>
- Núcleo Museológico da Casa do Romeiro : https://lagoa-acores.pt/menu/viver/cultura/museus/museu_de_lagoa_acores/casa_do_romeiro

- Nicho do Romeiro, Entrevista ao antigo mestre Luís Jacinto :

<https://youtu.be/yP94rAc5kxw>

- Nicho a Nossa Senhora do Romeiro, Algarvia : [https://romeiros-](https://romeiros-ribeiraquente.blogspot.com/2010/04/nicho-nossa-senhora-do-romeiro-algarvia.html)

[ribeiraquente.blogspot.com/2010/04/nicho-nossa-senhora-do-romeiro-algarvia.html](https://romeiros-ribeiraquente.blogspot.com/2010/04/nicho-nossa-senhora-do-romeiro-algarvia.html)

- Visita de estudo ao Núcleo Museológico da Casa do Romeiro :

<https://catlborbas.blogspot.com/2023/04/visita-de-estudo-ao-nucleo-museologico.html>

- Reportagem pelo programa 70x7, em 2018, intitulada “Romeiros de São Miguel”, retratando o percurso e a realidade da romaria do Rancho de Vila Franca do Campo :

<https://www.youtube.com/watch?v=fR7K8H09v2c>

12. Fontes orais

Foram realizadas entrevistas aos romeiros da ilha e a outros agentes envolvidos nas romarias e que se encontram espelhadas nos diversos elementos do processo de inventariação, nomeadamente na caracterização desenvolvida. Ver Anexo II/3 – Documentação áudio.

13. Fotografia

Ver Anexo II/1 – Documentação fotográfica

14. Filme:

Ver Anexo II/2 – Documentação fílmica / videográfica

15. Som

16. Outra documentação

Ver Anexo II/4 – Documentação cartográfica

Ver Anexo II/6 – Outra documentação

III. DIREITOS ASSOCIADOS

17. Tipo

Os direitos coletivos relativos à prática *Romeiros de São Miguel* são de tipo consuetudinário, mesmo se acompanhada por um regulamento oficial aprovado e publicado

em 1962 pela diocese de Angra. Esta regulamentação funciona sobretudo como uma formalização e uniformização de elementos específicos da prática, deixando no entanto campo à liberdade e responsabilidade do Mestre de cada rancho na preparação e decisões, combinando a improvisação e a memória da tradição.

18. Detentor

É detentora dos direitos coletivos relativos à prática *Romeiros de São Miguel* a comunidade da Ilha de São Miguel.

IV. PATRIMÓNIO ASSOCIADO

19. Património Cultural

19.1. Móvel

O traje dos ranchos de romeiros é um património de muito interesse. Representa idealmente o romeiro micaelense : um xaile ; um lenço ; um saco de pano ou cevadeira ; um bordão ; um terço tradicional do romeiro ; uma cruz. Tratam-se de peças e elementos que cada Romeiro transporta consigo e que fazem parte também da coleção de etnografia regional do acervo do Museu Carlos Machado e da Casa do Romeiro. É de salientar que o terço que o romeiro transporta consigo, designado de terço do rosário dos Romeiros. Ele é feito com a semente “Lágrima de Nossa Senhora” e que o povo a chama de “conceiras” que provém de uma planta cultivada na ilha e originária de África e da Ásia. Os artesãos utilizam esta semente, como matéria-prima da construção de terços do rosário. É designado nos Açores, como “Rosário dos Romeiros” pela sua singularidade e história. É preservado pelos *Romeiros de São Miguel* e pelos artesãos micaelenses.

Neste contexto, a equipa da Cultura do Movimento de Romeiros de São Miguel (MRSM) promoveu entre 2 de janeiro e 12 de fevereiro uma exposição itinerante sobre a indumentária dos romeiros, que percorreu todos os concelhos de São Miguel, numa parceria com as autarquias. A exposição começou na Ribeira Grande, no dia 2 janeiro, permanecendo até 8 de janeiro ; seguiu-se Ponta Delgada entre 10 e 17 de janeiro ; Nordeste de 19 a 25 de janeiro ; Povoação de 27 de janeiro a 2 de fevereiro ; Vila Franca de 4 a 10 de fevereiro e Lagoa a 12 de fevereiro.

O Museu Carlos Machado possui igualmente duas imagens de pintura da coleção de arte da autoria de Domingos Rebelo (*A Ceia do Romeiro*, de 1925 e *Romeiros em S. Gonçalo*, de 1926) e algumas peças da coleção de etnografia regional que datam de meados do século XX : figura de barro O boneco de presépio – Romeiro (1940 – 1961) ; grupo escultórico – Romeiros - em madeira representando um rancho de 25 romeiros – 1953) ; conjunto escultórico - Romeiros - em bronze constituído por três figuras masculinas – 1994) ; escultura Romeiro (1940). (cf. [Catálogo Coletivo Museus : Pesquisar : romeiro \(azores.gov.pt\)](http://www.azores.gov.pt))

Alguns dos ranchos da ilha, pela sua antiguidade, possuem diversa documentação (sobretudo orações e cânticos ligados às romarias). Muito deste património documental ocorre perigo de destruição e uma das principais preocupações do Movimento dos Romeiros de São Miguel consiste em recuperar e conservar esta documentação. .

19.2. Imóvel

- As várias ermidas e igrejas da ilha visitadas pelos ranchos de romeiros, com destaque para as igrejas matrizes e a Igreja do Senhor Santo Cristo dos Milagres de Ponta Delgada;

- A ermida de Nossa Senhora do Pranto, situada em São Pedro do Nordeste, intimamente ligada às Romarias Quaresmais, pois a sua construção data de 1523 e está associada ao grande terramoto de 1522, que soterrou Vila Franca do Campo e ao surto de peste que se lhe seguiu. A este respeito, a 7 de maio de 2023 celebrou-se na mesma ermida os 500 anos das Aparições de Nossa Senhora que coincide com os 500 anos das Romarias Quaresmais de São Miguel, razão pela qual o Dia do Romeiro foi celebrado no concelho do Nordeste com a presença do Bispo da Diocese, Dom Armando Esteves Domingues e com programação de missa, palestras e a inauguração do mural e dos painéis de homenagem dos ranchos de Romeiros.

- Os Centros Paroquiais da ilha e as casas das famílias que acolhem os romeiros para a pernoita fazem parte integrante dos edifícios e habitações necessárias à realização das romarias.

- O *Nicho de Nossa Senhora do Romeiro* é uma paragem comum a todos os ranchos de romeiros. Situado à entrada da Algarvia, localidade do concelho do Nordeste, o nicho contém no seu interior a imagem de Nossa Senhora do Romeiro e é acompanhado por uma placa em

azulejos onde se pode ler “Gruta de oração do romeiro a Nossa Senhora”. Ao redor deste nicho, encontram-se espalhadas várias placas em azulejos ou em pedra vulcânica gravadas com várias frases alusivas aos romeiros ou fotografias de ranchos de romeiros, e que no fundo são lembranças deixadas pelos vários ranchos que por ali passam. Também, muitos dos romeiros oferecem o seu terço à Virgem ou ao Romeiro que está aos seus pés. É considerado o primeiro nicho sob esta invocação existente em toda a ilha. Surgiu a ideia da sua construção de um apelo feito pela Mocidade Portuguesa Feminina. Assim, em 1965 com o apoio do Padre Domingos Inácio Machado, as Escolas de Algarvia promoveram a construção desse nicho, feito em Pedra vermelha extraída da cascalheira existente naquela localidade. O Padre Domingos criou a Imagem da Virgem e, pensando nos Romeiros, surgiu – Nossa Senhora do Romeiro. Em Março de 1965, com o centenário da Igreja local e a visita pastoral do então Bispo D. Manuel Afonso de Carvalho, procedeu-se à benção e inauguração do nicho. O Poeta Nordestense Manuel Inácio de Melo, natural da freguesia da Salga compôs e mandou gravar a seguinte quadra: Romeiro suspende o passo / Descansa que bem mereces / E deita no meu regaço / As tuas sentidas preces. O nicho dedicado a Nossa Senhora do Romeiro é também ponto de oração de muitos devotos quer da Algarvia e freguesias vizinhas. (Cf. <<https://romeiros-ribeiraquente.blogspot.com/2010/04/nicho-nossa-senhora-do-romeiro-algarvia.html>>)

- O *Nicho do Romeiro* (“Romeiro-Santo” ou “Romeiro cansado”) é também uma paragem comum a todos os ranchos. Está situado à entrada de Santo António Nordestinho, no concelho do Nordeste. Este nicho é uma “Recordação do Rancho de Romeiros da Saúde – Arrifes” em homenagem ao romeiro dos Arrifes falecido em 1854 quando subia a Ribeira “Despe-te que suas”.

- A Casa do Romeiro e o seu Núcleo museológico sito em Santa Cruz e alojado na sede da Associação *Romeiros de São Miguel* faz parte igualmente do património imóvel associado às romarias. O Núcleo inaugurado a 17 de maio de 2017 encontra-se aberto ao público. A visita inicia-se com o visionamento do documentário “Romeiros do Arcanjo-Heranças de Fé” vencedor do prémio Ayres d’Aguiar. No piso superior está patente ao público uma exposição de longa duração onde se explicam a génese e as diversas fases das Romarias Quaresmais. Este projeto contou com a participação de alunos da Escola Secundária de Lagoa que

executaram a pintura mural, sob a coordenação do pintor Victor Almeida, e do painel de azulejos, peças que revestem parte da fachada exterior do edifício, e ainda dos manequins que se encontram na exposição. (Cf. [Portal da Câmara Municipal da Lagoa \(lagoa-acores.pt\)](http://Portal da Câmara Municipal da Lagoa (lagoa-acores.pt)))

19.3. Imaterial

Podemos considerar a memória performativa, os cânticos e as orações dos romeiros como bens patrimoniais imateriais associados. A oralidade é uma das formas de transmissão mais importantes da referida manifestação, sendo que a participação é decisiva para a sua transmissão e continuidade.

20. Património Natural

Não existe património natural diretamente associado à prática. No entanto, o espaço – os caminhos da ilha de São Miguel - constitui um elemento fundamental na realização desta prática com a particularidade de haver um percurso fechado, cíclico e feito no sentido dos ponteiros do relógio, com o mar sempre pela esquerda, isto de forma a cumprir a tradição dos ranchos. Se bem que todos os ranchos fazem o mesmo percurso circular à volta da ilha, cada rancho tem o seu próprio ritmo de caminhar e até o seu próprio itinerário.